

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



**O OUTRO COMO ESPELHO DE SI – VINCULAÇÃO E
DESEMPENHO ACADÉMICO ENTRE GÉMEOS ADOLESCENTES E
OS SEUS IRMÃOS**

Letícia Duarte de Oliveira

Nº 12573

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Mestrado Integrado em Psicologia Clínica

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

O OUTRO COMO ESPELHO DE SI – DESEMPENHO ACADÉMICO E VINCULAÇÃO ENTRE GÉMEOS ADOLESCENTES E OS SEUS IRMÃOS

Letícia Duarte de Oliveira

Dissertação Orientada por: Prof. Dr. Emílio Salgueiro

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Mestrado Integrado em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Dr. Emílio Salgueiro, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006

Resumo

Esta investigação tem como objectivo o estudo das relações de vinculação e do desempenho académico nos gémeos e nos seus irmãos. A amostra seleccionada para a investigação, foi constituída por 31 irmãos gémeos e 9 não gémeos, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos. Utilizou-se um Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência – Versão de Auto Avaliação de Carvalho, Soares & Baptista (2006), uma Escala de Desempenho Académico, PAPRE – Percepção de Atribuições Parentais de Antunes & Fontaine (2002), e uma Entrevista Semi-Estruturada de Pinto & Soares (2000). Os resultados evidenciaram nos gémeos, relações de vinculação segura e um desempenho académico centrado na forma das aquisições das aprendizagens. E nos seus irmãos, relações de vinculação segura e um desempenho académico centrado nos resultados.

Palavras-chave: Vinculação; Desempenho Académico; Filhos gémeos; Filhos não gémeos; Adolescência.

Abstract

The objective of this investigation is the study of tie relations and academic performance of twins and their siblings. The sample selected for this investigation was composed by thirty-one twin siblings and nine non-twin of both genders with ages between 12 and 17. An inventory about ties for childhood and adolescence was used – version of “Auto Avaliação de Carvalho, Soares & Baptista (2006)”, a scale of academic performance “PAPRE – Percepção de Atribuições Parentais de Antunes & Fontaine (2002)”, and a semi-structured interview of “Pinto & Soares (2000)”. The results showed in twins, insurance tie relations, and an academic performance centered in ways of acquisitioning learning. In their siblings it showed insurance tie relations and an academic performance centered in the results.

Key Words: Ties; Academic Performance, Twin Children, Non-twin Children, Adolescence.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Emílio Salgueiro, pela sua disponibilidade, colaboração e competência, com que sempre orientou este trabalho, o meu agradecimento.

À Associação Portuguesa de Famílias Numerosas, muito obrigada pela disponibilidade.

À professora Tânia Pinto do Departamento de Estatística, o meu muito obrigada pela disponibilidade dispendida.

Às famílias oriundas da área metropolitana de Lisboa, Porto e Maia, pela disponibilidade que demonstraram para a realização deste trabalho, o meu obrigado.

Aos meus familiares pelo seu encorajamento persistente ao longo da minha formação académica, assim como a todos os sacrifícios a que se propuseram para me possibilitarem esta oportunidade, o meu eterno agradecimento.

Às minhas amigas, Sandra, Inês, Joana e Selma, por todo o incentivo que me deram para a elaboração deste trabalho, o meu muito obrigado.

Índice

1 – Introdução	1
1.1. Introdução teórica.....	1
2 – Metodologia	10
2.1. – Método.....	10
2.2. – Amostra.....	11
2.3. – Instrumentos.....	11
2.4. – Hipótese de Investigação.....	13
2.5. – Procedimento.....	14
3 - Resultados.....	15
4 - Discussão dos Resultados.....	24
5 - Conclusão.....	29
6 - Bibliografia.....	30
7 - Anexos	
7.1. A - Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência – Versão de Auto Avaliação.....	33

7.2. B - Escala de Desempenho Académico, PAPRE – Percepção Atribuições Parentais (Filhos).....	36
7.3. C - Entrevista Semi – Estruturada.....	40
7.4. D - Output dos dados Sócio-demográficos.....	42
7.5. E - Output dos dados do Inventário de Vinculação.....	48
7.6. F - Output dos dados da Escala de Desempenho Académico.....	58
7.7. G - Output dos dados da Entrevista.....	65

Introdução

O meu interesse por esta investigação teve origem sobretudo em duas questões, a primeira, na partilha da gemelaridade com a minha irmã, e segundo, pelos poucos estudos existentes com irmãos gémeos. As variáveis de estudo desta investigação: desempenho académico e vinculação, surgiram após uma pesquisa acerca dos estudos efectuados nestas áreas, levando-me a considerar esta investigação pertinente e com interesse científico, com uma população de gémeos adolescentes. Também foram contemplados os irmãos dos gémeos, por forma a obter mais dados. Os estudos que encontrei nas pesquisas efectuadas centram-se sobretudo em populações de gémeos adultos, cujas variáveis de investigação, abordam diversas psicopatologias.

A finalidade desta investigação prende-se com os poucos estudos existentes nesta área, sendo que, é com o intuito de uma melhor intervenção ao nível escolar, nomeadamente nas questões relacionadas com o desempenho académico dos filhos gémeos, na compreensão das relações de vinculação, e nos relacionamentos dos pais com todos os seus filhos.

Introdução teórica

A vinculação afectiva é o resultado do comportamento social de cada indivíduo de uma espécie, diferindo conforme o outro indivíduo da sua espécie com quem ele esteja a ser tratado. Isso implica, é claro, uma aptidão para reconhecer indivíduos. Enquanto que cada membro de um par vinculado tende a manter-se na proximidade do outro e a suscitar, no outro, o comportamento de manutenção da proximidade (Bowlby, 1982). Poderemos compreender que para Bowlby, in Soares, 1996, o comportamento de vinculação é concebido como sendo mediado por sistemas comportamentais que se tornam corrigidos por objectivos, ao longo dos primeiros anos de infância.

Assim, enquanto o comportamento de vinculação tende a ser reforçado ou enfraquecido por factores situacionais, a vinculação é uma ligação que, uma vez estabelecida, tende a persistir, a ser duradoura, no sentido em que lança pontes sobre o tempo e o espaço, (Ainsworth, 1969, citado por Soares, 1996). Nesse sentido, Ainsworth e

al. (1978, citado por Soares, 1996) definem vinculação como o modo pelo qual o sistema comportamental da vinculação se torna organizado em relação a uma determinada figura.

Mary Ainsworth classificou os padrões usuais da relação mãe-filho em duas categorias: apego seguro e apego inseguro. Esta classificação é o centro da teoria do apego, sendo que, toma em consideração a complexidade do contexto familiar em que tem lugar o desenvolvimento do temperamento da criança.

Ainsworth em 1964, desenvolveu um procedimento estandardizado em laboratório o qual designou de *Situação Estranha*. O procedimento consiste em vários episódios que incluem a criança, a mãe e um estranho. Resultaram reacções e comportamentos diferentes por parte das crianças, donde cada padrão de conduta tem precursores definidos da interacção diária da díade mãe-filho, o estilo de conduta da mãe é o factor mais claro que prediz a reacção da criança na *situação estranha* (Marrone, 2001).

As crianças com apego inseguro tendem a mostrar menos sociabilidade, maiores manifestações de raiva, relações mais pobres com os pares e um menor controlo sobre os impulsos da sua vida interior. As crianças categorizadas como ambivalentes são as que têm mais possibilidade de serem vitimizadas. Estas crianças têm uma tendência para mostrar falta de estabilidade emocional, irritabilidade, e perda de controlo com facilidade. As crianças categorizadas como evitantes têm menor probabilidade em mostrar aflição e dependência quando se desiludem. Com frequência parecem arrogantes, opositores, com ar de superioridade moral e podem dar uma falsa impressão de maturidade e estabilidade.

Os diferentes padrões de vinculação podem ser perspectivados como diferentes formas de regulação emocional (Cassidy, 1994; Cicchetti et al., 1991; Kobak & Sceery, 1988; Main, 1990; Mikulincer et al., 2003; Sroufe, 1996 in Soares, 2007).

Steele & Steele (2005^a, citado in Soares, 2007) defendem que o padrão de vinculação identificado através da *Situação Estranha* reflecte um tipo de estratégia internalizada pela criança a respeito da regulação de emoções negativas.

Embora, durante a adolescência, as ligações da infância possam ser atenuadas e suplementadas por novas ligações, e em alguns casos substituídas por estas últimas, as primeiras ligações não são facilmente abandonadas e é muito comum persistirem (Bowlby, 1982).

Na perspectiva da vinculação, a adolescência representa um período de transição entre as vinculações da infância, estabelecidas fundamentalmente no contexto da relação pais-filho(a), e as ligações afectivas adultas que vão para além das relações familiares.

Deste modo, a natureza e o formato dos comportamentos de vinculação, destacam-se, de modo significativo, dos comportamentos de vinculação de períodos anteriores do desenvolvimento (Allen & Land, 1999; citado in Soares, 1996^a). Simultaneamente é um período do ciclo de vida caracterizado por transformações significativas no sistema emocional, cognitivo e comportamental.

O curso do desenvolvimento da vinculação parece mover-se da dependência das figuras de vinculação, na infância, para uma relativa autonomia dessas figuras, na adolescência (Soares, 2007).

Segundo Guedeney & Guedeney (2004), o sistema de vinculação parece superar o desafio da autonomização: se este parece empenhado numa fuga activa das relações com os pais e entravado pelos seus laços de vinculação, a sua autonomização faz-se todavia de forma tanto mais fácil quanto mais seguras forem as suas relações com os pais.

As novas experiências e a oportunidade de estabelecer novas relações durante a adolescência, nomeadamente com os pares, poderão também constituir uma oportunidade para reavaliar relações precoces, estabelecidas de modo inseguro, sendo significativas para o processo de mudança dos modelos internos dinâmicos (Main et al., 1985; Soares, 1996^a).

Um estudo recente mostrou que a segurança na infância é tanto mais preditiva da qualidade da autonomia e da capacidade adolescente de se relacionar enquanto o for da segurança da vinculação na adolescência (Beckler-Stoll e Fremmer-Bombick, citado por Guedeney & Guedeney, 2004). Esta ideia é confirmada pelos trabalhos que indicam que a presença de comportamentos de procura da autonomia nos adolescentes está fortemente correlacionada com os indicadores de uma relação positiva com os pais (Allen e tal., 1998 in Guedeney & Guedeney, 2004).

Os trabalhos de Freeman (1997), indicam que, eventualmente, os pais só são substituídos por outros parceiros como principais figuras de vinculação no fim da adolescência.

Assim, os adolescentes seguros comunicam mais facilmente com os pais, em particular, sobre os problemas relacionados com a vinculação e a segurança. Os adolescentes inseguros, pelo contrário, tinham tendência para interpretar a intervenção da mãe como um ataque ou para utilizar a discussão com a mãe como meio para atacar ou fazer pressão sobre ela. Os padrões de interacção nas famílias inseguras são particularmente problemáticos na adolescência, quando os movimentos de autonomização

implicam uma renegociação sensível das relações com os pais (Allen e Land, 1999, citado por Gudeney & Gudeney, 2004).

A adolescência vai desenrolar-se de uma maneira diferente consoante o adolescente tem uma vinculação segura ou insegura e, mais precisamente, consoante o tipo de modelos operantes internos construídos durante a infância (Gudeney & Gudeney, 2004).

Para Soares (2004) a adolescência é, assim, o tempo de aprendizagem do “tornar-se uma figura de vinculação”, mas um tempo em que “ser uma figura de vinculada” é ainda vital. É neste cruzamento do “vir a ser” e do “ser” que se inscreve o núcleo da vinculação na adolescência.

Segundo Matos (2005), a adolescência é, depois da primeira infância, o período mais sensível da construção da identidade no ser humano, já com identificações mais diversificadas, sob a influência de modelos extra – familiares. É neste período que o sujeito confronta os seus ideais primitivos, próprios das identificações primárias, com ideias mais realistas que o obrigam a reformular as representações que tem de si mesmo, as representações que tem dos seus pais e dos objectos formadores.

O tratamento diferenciado dos pais, para além de influenciar a qualidade das relações entre os filhos, afectava também o desenvolvimento individual destes. Sendo assim, talvez o tratamento diferenciado parental seja apenas uma resposta ao comportamento diferenciado dos filhos (Fernandes, 2005).

Parte significativa da personalidade de cada um de nós construir-se-á a partir das aprendizagens realizadas nas interacções feitas no seio da família, sobretudo nas relações com os pais e os irmãos (Fernandes, 2005).

Os pais, são, um factor importante na determinação da qualidade das relações na frataria, mas para além deles, as variáveis da constelação familiar (como a ordem de nascimento, o sexo, a diferença da idade entre os irmãos e o tamanho da prole) e as características individuais de cada criança (por exemplo, a sua personalidade) influenciam o modo como os irmãos se relacionam entre si (Furman e Buhrmester, 1985^a, 1985^b; Buhrmester e Furman, 1990; Furman e Lanthier, 1996, citado por Fernandes, 2002).

Índices elevados de separação psicológica entre o adolescente e os pais estão associados a processos de construção da identidade de menor qualidade. De referir que a qualidade das relações com os pares e com os pais parecem comportar um impacto diferenciado em áreas distintas de resolução identitária: os compromissos escolares

tendem a resolver-se sobretudo na relação com os pais, enquanto nos compromissos relacionais, os pares parecem assumir um peso maior (Meeus, et al., 2002, citado por Soares, 2007).

Para Ferreira (2002), a identidade é o que transportamos em nós próprios como marca do nosso ser pessoal – é constante, mantida, mas enriquecida ao longo do tempo. Ainda nesta perspectiva psicanalítica, Ferreira (2002), explica que as qualidades e funções do Eu tomam a forma de uma individualidade específica de cada ser humano como fruto de identificações: e destas destacamos efeitos nas formas de aprendizagem e de conhecimento, na criatividade e no modo de relação compreensão e comunicação com o outro. A nossa identidade constrói-se pela permanência e estabilidade de representações do self, dos objectos, resultantes em grande parte de identificações. Os sentimentos de unidade, individualidade e coerência interna sustentam a auto-imagem narcísica, base do equilíbrio psíquico, do amor por si próprio e da capacidade de amar os outros.

Esta aquisição duma identidade pessoal é, pois, uma necessidade premente do adolescente. Esta necessidade parece ter, em parte, a função de denegar a determinação biográfica e biológica e histórica do seu passado, a que está preso pelas identificações da sua infância que ele procura não reconhecer, sob pena de se ver perdida essa identidade pessoal (Quintas, 1979).

Segundo Bryan (1999), todas as crianças, têm que encontrar a sua própria identidade em relação aos outros, mas também a sua própria individualidade. Ela deve perceber que todos nós temos o nosso valor, e uma criança que não sente a sua própria individualidade é, também uma criança que não sente o seu próprio valor. Estas ideias vêm de encontro ao que Winnicott (1964) defende, que os bebés começam, imediatamente após o seu nascimento, a formar a base da sua personalidade e individualidade, e a descobrir a importância própria, assim como, as mesmas crianças precisam que a sua própria mãe reconheça a identidade de cada uma delas, sem qualquer hesitação. Se os gémeos passarem a ter bastante confiança nas suas identidades, poderão deleitar-se na exploração das suas semelhanças mútuas (...).

No que diz respeito à tomada de decisões sobre a hipótese de os gémeos serem separados ou não, os critérios do adulto devem basear-se na felicidade das crianças, na sua capacidade de concretização plena do seu potencial e na sua evolução enquanto indivíduos distintos. Se as crianças tiverem diferentes capacidades, ambas poderão beneficiar da separação Bryan (1999).

Ferreira (2002) defende, é a função dos adultos ensinar às crianças a autonomia – libertá-las da dependência, de todas as dependências possíveis.

Segundo Paulino (2001), a entrada em idade escolar é normalmente um momento de grande ansiedade e os pais exprimem dúvidas sobre se devem optar por turmas diferentes ou pela mesma turma para os seus filhos.

Há dados que apontam para o cuidado a ter em não os separar logo nos momentos iniciais de escolaridade. Pensa-se que a transição de casa para a escola é já particularmente difícil para os gémeos devido ao seu relacionamento um com o outro e que separá-los nessa altura dificulta a sua integração na escola.

Paulino (2001), defende que a separação na escola deverá ser feita gradualmente, à medida que cada gémeo se vai sentindo mais à vontade no seu meio ambiente, e sempre em resposta a sinais de que a mudança será bem aceite.

Numa perspectiva biológica, Piontelli (1995), refere que a gemelaridade lança alguma luz sobre a questão das formas mentais rudimentares e percepção emocional que começam antes do nascimento, especialmente tendo em vista, o facto de que um gémeo tem oportunidade, *in útero*, de interagir com um outro ser semelhante a ele. O ambiente uterino não é o mesmo para cada gémeo, sendo a diferença mais óbvia aquela que mostra que um gémeo é geralmente menos favorecido do que o outro devido à sua posição no útero.

Na primeira metade da década de 1990 nasciam por ano pouco mais de dois mil gémeos em Portugal, mas nos últimos cinco anos esse número tem quase chegado aos três mil, revelam dados do Instituto Nacional de Estatística (INE). A subida deve-se ao aumento dos tratamentos de infertilidade, explicam os especialistas. O único factor espontâneo associado ao nascimento de gémeos explica-se pela tendência biológica de uma mulher produzir mais do que um óvulo por mês ("o padrão da espécie é um óvulo mensal"). "Quando existem na família pares de gémeos não iguais isso pode querer dizer que existe esta tendência biológica". Mas a taxa espontânea de gémeos não vai além de um a dois por cento, afirma o presidente da Sociedade Portuguesa de Medicina de Reprodução (SPMR), Silva Carvalho (<http://ultimahora.publico.clix.pt>).

Segundo o estudo de Dunn & Plomin (1990-1992) acerca das diferenças psicológicas entre os irmãos, concluíram que o meio era o factor mais importante na diferenciação dos irmãos. E que as poucas semelhanças que existem entre os membros de uma frataria são devidas mais à partilha de um mesmo património genético do que ao facto

de terem vivido juntos; pelo contrário, as suas diferenças são determinadas tanto pelo meio como pela hereditariedade.

Podemos dizer que o meio não partilhado é o principal responsável pelas diferenças dos irmãos, sendo que o tratamento parental aparece como o factor que mais potencia (e é potenciado por) essas diferenças (Fernandes, 2002).

Numa perspectiva mais psicanalítica, Mahler (1979), menciona que uma boa separação mãe-criança, deve processar-se em quatro sub-fases. A primeira corresponde ao processo de individuação, isto é, de diferenciação, que começa na idade de cinco ou seis meses, e dura até os quatro ou cinco meses seguintes. A segunda sub-fase corresponde à separação - individuação, é o período de pôr em prática a separação. Sobrepõe a sub-fase precedente, começando em qualquer altura após o décimo mês e vai durando até ao décimo quinto mês. A terceira sub-fase diz respeito ao período em que a criança se torna capaz de andar, e dura de aproximadamente catorze a aproximadamente vinte e dois meses. Por último a quarta sub-fase é caracterizada pelo desenvolvimento de funções cognitivas complexas: comunicação, fantasia, e testes da realidade verbal. Durante este período há uma diferenciação rápida do ego, de aproximadamente vinte ou vinte e dois meses a trinta ou trinta e seis meses.

A escolha e eficácia de uma estratégia disciplinar pode depender em parte da personalidade dos pais, da personalidade e idade da criança e da qualidade da sua relação, bem como dos costumes e expectativas culturalmente determinados (Grusec & Goodnow, citado por Papalia, 2001).

Uma vez que falamos das relações pais – filhos gémeos é importante realçar a questão da relação parental e segundo (Cruz, 2005) há os pais autoritários que tentam influenciar, controlar e avaliar os comportamentos e as atitudes da criança de acordo com um padrão absoluto. É valorizada a obediência como virtude, bem como a punição no sentido de restringir a vontade própria da criança; a independência e a individualidade da criança são desencorajadas. Estes pais tentam inculcar nos filhos valores tradicionais como o trabalho, o respeito pela autoridade e a preservação da ordem e da estrutura tradicional, assim como, devem aceitar aquilo que os próprios pais acham que está certo.

No sentido contrário (Cruz, 2005), refere que os pais autorizados tentam orientar as actividades da criança de uma forma racional e estimulam a sua independência e individualidade. Encorajam as trocas verbais e compartilham com as crianças as razões que estão por detrás das suas decisões. Valorizam tanto a vontade própria da criança como

a conformidade desta relação àquilo que é realmente importante. Adoptam uma atitude de confronto quando há divergências, mas não exageram nas restrições. Afirmam os seus valores de forma clara e esperam que os filhos cumpram as normas que lhes dizem respeito. Estes são pais que reconhecem os seus próprios direitos como adultos mas também respeitam os direitos e as peculiaridades dos seus filhos, existindo reciprocidade nos compromissos assumidos.

Por sua vez, os pais permissivos tentam comportar-se de uma forma não punitiva e aceitante face aos impulsos, desejos e acções da criança. Fazem poucas exigências de maturidade dos filhos. Apresentam-se mais como recursos que os seus filhos podem utilizar quando o desejarem do que como agentes activos e responsáveis pela influência no comportamento actual ou futuro dos filhos. Os pais permissivos deixam as crianças regularem as suas próprias actividades tanto quanto possível e evitarem o exercício do controlo e o uso do poder para conseguir os seus fins.

Pereira (1991), defende que no plano funcional, um dos aspectos mais importantes a realçar acerca da adolescência é a experimentação activa na esfera escolar, social, afectiva e relacional, tal como no campo físico e lógico-matemático. Como interpreta o adolescente os seus resultados escolares? Se tivermos em conta como dimensões da atribuição causal a estabilidade/instabilidade, a contextualização e a internalização/externalização, verifica-se que a tendência dos adolescentes portugueses parece ser, para o insucesso, a elaboração regular de atribuições estáveis, descontextualizadas e internalizadas. O impacto sectorial do insucesso seja relativamente grande, a nível global o autoconceito pode manter níveis elevados.

Os gêmeos têm um desempenho escolar tão bom quanto as demais crianças, revelou um estudo dinamarquês dissipando um grande temor existente sobre os tratamentos de fertilidade. A fertilização in-vitro (FIV) resultou em múltiplos nascimentos, especialmente no norte da Europa e nos Estados Unidos, desde o nascimento do primeiro bebê de proveta (Brown, 1978).

Pereira (1991) concluiu que o menor impacto comparativo do insucesso no adolescente português, tal como a possibilidade de manter um bom autoconceito geral com maus autoconceitos sectoriais pretende-se certamente com uma maior tolerância social, familiar ao insucesso, e com a excelência de processos de sustentação do Self outros que os escolares mais fortes entre nós do que noutros países.

O autoconceito organiza-se num sistema que compreende dimensões como a autoconfiança e a auto-estima num conjunto de domínios como o autoconceito académico, autoconceito social ou autoconceito físico (Harter, 1985, citado por Senos, 1996).

A necessidade de sucesso é mediatizada pela percepção causal do sujeito que influencia as suas reacções afectivas perante a ocorrência de situações de insucesso ou de sucesso, as suas expectativas de futuros sucessos ou insucessos e a sua subsequente realização escolar (Weiner, 1980, 1984, 1986, citado por Senos 1996).

Segundo Faria & Fontaine (1993), no domínio da realização escolar, o sucesso e o fracasso são geralmente atribuídos a numerosos factores, entre os quais salientamos: a capacidade, que inclui as aptidões e as competências adquiridas; o esforço, temporário ou regular; a dificuldade da tarefa; a personalidade; o humor; a ajuda dos outros. Há estudos que apontam para o facto dos sujeitos no fim da escolaridade atribuem com maior frequência os seus resultados a causas internas, enquanto os alunos mais novos fazem atribuições com maior frequência a causas externas (Wisniewski & Gaier, 1990, citado por Faria & Fontaine, 1993).

No estudo de Faria & Fontaine (1993) verificaram-se diferenças em função do ano de escolaridade e do NSE, este estudo evidencia a importância de factores relativos aos contextos de vida e ao percurso escolar, sugerindo a ideia de que diferentes sujeitos percebem as causas e suas dimensões causais de forma diferente, de acordo com as suas experiências anteriores de sucesso e de fracasso e com a influência das diferentes experiências nos vários contextos de vida.

Mais recentemente têm sido estudadas as crenças dos pais acerca de como as crianças aprendem e o seu nível de realização académica. Por exemplo, os pais que acreditavam que os filhos aprendiam melhor a ler se a tarefa fosse apresentada de forma lúdica tinham filhos com valores mais elevados em testes de literacia (Sonnenschein, Baker, Serpell, Scher, Truitt & Munsterman, 1997, citado por Cruz, 2005).

No estudo de (Johnson e Martin, 1985, citado por Cruz, 2005) verificou-se que a relação entre o nível académico das crianças e as crenças dos pais dependia do facto de estas crenças se referirem a situações de ensino ou a situações de relacionamento interpessoal.

Esta investigação tem como objectivo, o estudo das relações de vinculação e do desempenho académico entre filhos gémeos e os seus irmão não gémeos.

Metodologia

Método

Depois de recolhida a amostra, efectuaram-se várias etapas no método de estudo.

Após a criação da base de dados e com as hipóteses da investigação delineadas, a primeira etapa a realizar foi a obtenção dos valores medianos de todos os dados Sócio-demográficos, relativos aos pais e a todos os filhos (gémeos e não gémeos), de seguida começou a trabalhar-se sobre a primeira hipótese em estudo. Utilizou-se uma estatística não paramétrica, onde o teste de ajustamento de Kolmogorov-Smirnov verificou a normalidade para as três sub-escalas da Vinculação (segura; ansiosa/ambivalente e evitante), depois foi realizado o teste T-Student, para se proceder à comparação dos valores da média nos dois grupos (gémeos e não gémeos), com o objectivo de se confirmar ou não a primeira hipótese.

A seguir iniciou-se o mesmo processo com uma estatística não paramétrica, para as variáveis da segunda hipótese. Após a estatística descritiva para duas sub-escalas do Desempenho Académico, “processo” e “resultados”, efectuou-se o teste de ajustamento de Kolmogorov-Smirnov, para testar a normalidade, de seguida realizou-se o teste T-Student, verificando-se que uma das variáveis dependentes em estudo, “processo”, não possuía distribuição normal, então, procedeu-se à utilização do teste de Mann-Whitney, para poder comparar as duas amostras independentes (gémeos e não gémeos) através dos valores da mediana, relativamente ao desempenho académico.

Por último, trabalharam-se os dados das entrevistas realizadas aos pais. Construíram-se classes que agrupavam os temas mais comuns respondidos em cada pergunta. Depois foram introduzidos na base de dados e obteve-se as percentagens de cada tema para as três perguntas correspondentes.

Amostra

A amostra foi recolhida na Associação Portuguesa de Famílias Numerosas em Caselas, Lisboa, com duas famílias oriundas da cidade da Maia, uma família da Covilhã e as restantes da área metropolitana de Lisboa. A amostra total é constituída por 40 filhos e 40 pais. As famílias são constituídas pelos pais, com idades compreendidas entre os 43 e os 59 anos, com média de 51 anos; filhos gémeos e filhos não gémeos, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, com média de 14.5 e frequência escolar do 6º ano ao 12º ano.

Instrumentos

Toda a informação fornecida para o estudo teve o consentimento informado dos participantes, donde tomaram conhecimento do objectivo, da garantia do anonimato e da pertinência do estudo.

Os participantes responderam a um questionário Sócio-demográfico (Classificação Social Internacional de Graffard), com o objectivo de conhecer alguns dados populacionais. Foram aplicados os seguintes instrumentos de avaliação: Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência – Versão de Auto Avaliação de (Carvalho, Soares & Baptista, 2006), a Escala de Desempenho Académico, PAPRE – Percepção de Atribuições Parentais de (Antunes & Fontaine, 2002), e a Entrevista Semi-Estruturada de (Pinto & Soares, 2000), numa sala com as condições físicas adequadas (temperatura, luz, sem ruído, estabilidade, etc.) ao auto preenchimento pelos filhos, e à entrevista realizada com os pais.

Deu-se a garantia de que os resultados serão apenas divulgados às famílias interessadas.

O primeiro instrumento de avaliação passado a todos os filhos foi o **Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência (IVIA) – Versão de Auto Avaliação**, avalia os comportamentos de vinculação na infância e adolescência com base nos relatos dos jovens e nos relatos parentais. Este inventário é uma medida composta por 24 itens, com o formato de resposta numa escala de tipo Likert de 5 pontos (1. Nunca; 5. Sempre). O IVIA permite obter um resultado para cada uma das dimensões que o compõem, vinculação segura, ansiosa/ambivalente e evitante, dado pelo somatório das

respostas dos participantes aos itens relevantes em cada dimensão. Uma nota mais elevada em cada uma das dimensões corresponde a uma maior frequência dos comportamentos de vinculação em questão. O IVIA mostrou ter qualidades psicométricas adequadas, com valores de consistência interna de Cronbach, superiores a 0.70 em qualquer das suas dimensões.

Em segundo lugar foi passada a todos os filhos a **Escala de Desempenho Académico, PAPRE – Percepção de Atribuições Parentais**, é constituída por duas dimensões, correspondentes a dois tipos diferentes de atitudes parentais: atitudes centradas no processo de aprendizagem (dimensão processo) e atitudes centradas nos resultados escolares (dimensão resultados). Na dimensão processo, os itens reenviam para a percepção de atitudes parentais como estando centradas no processo de aprendizagem, reenviando para um sentimento de apoio, por parte dos pais, mesmo quando obtêm notas mais baixas, ajudando-os a perceber onde falharam (por ex: “Quando tiro uma nota menos boa, os meus pais ajudam-me a perceber onde e porque é que eu errei”). Por seu turno os itens da dimensão resultados reenviam para uma percepção das atitudes parentais em relação ao desempenho académico centradas nos resultados escolares, em que os adolescentes sentem que os seus pais os pressionam para que obtenham as melhores notas a qualquer custo, ficando desapontados com eles quando as suas notas não são tão boas quanto eles esperavam e desejavam (por ex: “Os meus pais só ficam satisfeitos se as minhas notas forem melhores que a dos outros”).

A escala é composta por 23 itens (11 para a dimensão processo e 12 para a dimensão resultados), devendo o aluno, a cada itens, escolher a alternativa de resposta que mais se adequa àquilo que ele sente acerca das atitudes dos seus pais em relação ao seu desempenho académico numa escala de 6 pontos, variando entre “concordo totalmente” e “discordo totalmente”. Cada item é cotado de 1 a 6, em que as pontuações mais altas em cada dimensão indicam uma maior percepção das respectivas atitudes (à excepção do item 1 e 13 que são cotadas ao contrário).

Por fim, foi feita uma entrevista a um dos pais através do guião da **Entrevista Semi-Estruturada** contém três temas: um referente à comunicação pais/filhos; outro alusivo à intervenção da família; e ainda, um terceiro, respeitante às expectativas dos pais relativamente ao futuro dos seus filhos. Tendo em conta a vida escolar e profissional do seu filho: 1. De que fala com ele. Porquê? 2. O que costumam fazer. Porquê? 3. O que gostaria que ele concretizasse. Porquê?

As Hipóteses de Investigação

Ainsworth e al. (1978) definem vinculação como o modo pelo qual o sistema comportamental da vinculação se torna organizado em relação a uma determinada figura (in Soares, 1996).

A adolescência vai desenrolar-se de uma maneira diferente consoante o adolescente tem uma vinculação segura ou insegura e, mais precisamente, consoante o tipo de modelos operantes internos construídos durante a infância (Guedeney & Guedeney, 2004).

Assim sendo, os irmãos gémeos adolescentes, pela partilha da gemelaridade, poderão ter construído modelos internos na infância que lhes permitam uma vinculação segura, apoiando-se um no outro, mas também os seus irmãos não gémeos, podem evidenciar este mesmo padrão pela sua singularidade.

Hipótese 1: Os irmãos gémeos e os não gémeos têm predominantemente relações de vinculação segura entre si.

Os gémeos têm um desempenho escolar tão bom quanto as demais crianças, revelou um estudo dinamarquês dissipando um grande temor existente sobre os tratamentos de fertilidade (Brown, 1978).

No estudo de Faria & Fontaine (1993) verificaram-se diferenças em função do ano de escolaridade e do NSE, este estudo evidencia a importância de factores relativos aos contextos de vida e ao percurso escolar, sugerindo a ideia de que diferentes sujeitos percebem as causas e suas dimensões causais de forma diferente, de acordo com as suas experiências anteriores de sucesso e de fracasso e com a influência das diferentes experiências nos vários contextos de vida.

Hipótese 2: Nos irmãos gémeos, o desempenho académico centra-se nos processos de aquisição das aprendizagens, e nos seus irmãos, o desempenho centra-se nos resultados.

Procedimento

Para a aplicação dos questionários foi necessário obter autorização da instituição e, após a consulta de uma base de dados acerca dos sócios cujas famílias tinham filhos gémeos, foram contactados para posteriormente comparecerem na instituição a fim de colaborarem na investigação.

Depois do parecer positivo, os sujeitos foram abordados na instituição. Compareceram os pais e respectivos filhos gémeos e não gémeos com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos. Numa primeira abordagem, foi-lhes pedida a colaboração voluntária, a recolha de dados foi efectuada pela passagem de dois questionários de auto-preenchimento, primeiro o Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência (IVIA) – Versão de Auto Avaliação de (Carvalho, Soares & Baptista, 2006), que após todos os filhos terem respondido, eram recolhidos e de seguida era entregue a Escala de Desempenho Académico, PAPRE – Percepção de Atribuições Parentais de (Antunes & Fontaine, 2002), enquanto os filhos preenchiam os questionários, o investigador fazia a Entrevista Semi-estruturada (Pinto & Soares, 2000) a um dos pais presentes.

A aplicação foi realizada de forma individual, numa sala que a instituição disponibilizou. O entrevistador encontrou-se presente na sala da aplicação dos questionários para esclarecer quaisquer dúvidas. Quando os filhos terminavam a sua prestação deslocavam-se para outra sala, por forma a não perturbar a participação dos restantes participantes.

Após a aplicação, os questionários foram separados das cartas de consentimento informado e numerados para efeitos estatísticos.

O tempo médio de elaboração dos questionários foi cerca de 30 minutos.

Deu-se a garantia de que os resultados serão apenas divulgados às famílias interessadas.

Resultados

A **Classificação Social Internacional de Graffard**, deu-nos a conhecer os dados sócio-demográficos. Esta classificação é constituída por cinco classes, o que quer dizer que há medida que a classe aumenta, baixa o nível da classe social. No presente estudo, os dados socio-demográficos situam as famílias na sua grande maioria na Classe I, cuja soma de pontos vai de 5 a 9.

Os dados obtidos a partir desta classificação, apresentaram os seguintes resultados. A faixa etária dos pais mais frequente situa-se entre os 50 e os 60 anos, sendo que o estado civil com maior percentagem é o estado “casado”. Quanto à profissão exercida pelos pais, a percentagem maior situa-se na classe dos “Engenheiros e Economistas”, seguindo-se a dos “Operários” e por último a classe dos “Técnicos, Comerciantes e Administrativos”, por sua vez, nas Habilitações Literárias, o ensino superior encontra-se com a maior percentagem; e no que diz respeito à fonte de Rendimento Familiar, a média encontra-se no “Salário Mensal”. Em relação ao Alojamento, a maioria das famílias reside em “casa ou andar com áreas razoáveis”, e quanto ao tipo de Habitação, atendendo ao meio envolvente, as famílias encontram-se a residir em “Bairro Residencial Bom”(consultar outup em anexo, nas pág. 42, 43 e 44).

Os **filhos gémeos** apresentam-se em maioria na faixa etária dos 15 aos 17 anos, com maior predominância do sexo feminino, e maior frequência de alunos no 7º e 10º ano (consultar as tabelas 1, 2 e 3).

Tabela 1: Percentagens relativas à faixa etária.

	Frequência	Percentagem (%)
Faixa etária 12 - 14 anos	15	48,4
Faixa etária 15 - 17 anos	16	51,6
Total	31	100

Tabela 2: Percentagens relativas ao gênero.

		Frequência	Percentagem (%)
Gênero	Feminino	17	54,8
	Masculino	14	45,2
	Total	31	100

Tabela 3: Percentagens relativas à escolaridade.

		Frequência	Percentagem (%)
Escolaridade	6º ano	2	6,5
	7º ano	10	32,3
	8º ano	6	19,4
	9º ano	1	3,2
	10º ano	10	32,3
	12º ano	2	6,5
	Total	31	100

Os **filhos não gêmeos**, encontram-se significativamente em maior número na faixa etária dos 15 aos 17 anos, com predominância do sexo masculino. Na frequência escolar há uma maior incidência no 12º ano (consultar as tabelas 4, 5 e 6).

Tabela 4: Percentagens relativas à faixa etária.

	Frequência	Percentagem (%)
Faixa etária 12 - 14 anos	2	22,2
Faixa etária 15 - 17 anos	7	77,8
Total	9	100

Tabela 5: Percentagens relativas ao género.

		Frequência	Percentagem (%)
Género	Feminino	3	33,3
	Masculino	6	66,7
	Total	9	100

Tabela 6: Percentagens relativas à escolaridade.

		Frequência	Percentagem (%)
Escolaridade	7º ano	1	11,1
	8º ano	1	11,1
	9º ano	1	11,1
	10º ano	2	22,2
	11º ano	1	11,1
	12º ano	3	33,3
	Total	9	100

Nesta investigação, procedeu-se à utilização do instrumento de avaliação, Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência – Versão de Auto Avaliação (Carvalho, Soares & Baptista, 2006) para testar a primeira hipótese. Este instrumento é constituído por três sub-escalas: Segura; Ansiosa/Ambivalente e Evitante.

Hipótese 1: Os irmãos gémeos e os não gémeos têm predominantemente relações de vinculação segura entre si.

Depois de se efectuar o teste da normalidade, Kolmogorov-Smirnov, procedeu-se ao teste T-Student, com um $\alpha \leq 0.05$. O Teste T-Student compara as médias, nos dois grupos, gémeos e não gémeos, cujos resultados encontram-se expressos na tabela 7.

A tabela 7 faz referência aos valores médios encontrados a partir do Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência, quer dos irmãos gémeos, quer dos seus irmãos, referentes aos três padrões de sub-escalas de vinculação.

Tabela 7: Caracterização das médias nos dois grupos (gémeos e não gémeos).

Vinculação	Grupo	Amostra	Média
Sub_vinculaçãosegura	gémeo	31	29,871
	não gémeo	9	30,8889
Sub_vinculaçãansiosa	gémeo	31	19,129
	não gémeo	9	14,8889
Sub_vinculaçãoevitante	gémeo	31	21,7742
	não gémeo	9	23,8889

Só na sub-escala ansiosa/ambivalente é que os gémeos obtiveram um valor médio superior aos não gémeos, nas outras duas sub-escalas, segura e evitante, inverteu-se a situação, os não gémeos obtiveram valores superiores.

Depois de se efectuar o teste da normalidade, Kolmogorov-Smirnov, procedeu-se ao teste de Levene para a homogeneidade de variâncias em amostras independentes, segundo o valor de α estabelecido em ≤ 0.05 .

A tabela 8 faz uma síntese dos valores da média e da moda evidenciando diferenças no grupo dos gémeos na sub-escala ansiosa/ambivalente e na sub-escala evitante. Nos seus irmãos, as diferenças apresentam-se na sub-escala de vinculação segura e na sub-escala ansiosa/ambivalente. Mas atendendo apenas aos valores da média, entre os gémeos e os não gémeos há uma predominância do padrão de vinculação segura. Confirma-se a primeira hipótese colocada.

Tabela 8: Caracterização dos valores da média e da moda nos dois grupos (gémeos e não gémeos).

Vinculação	Segura		Ansiosa/Ambivalente		Evitante	
	Gémeos	Não Gémeos	Gémeos	Não Gémeos	Gémeos	Não Gémeos
Filhos N= 40	31	9	31	9	31	9
Média	29,87	30,88	19,12	14,88	21,77	23,88
Moda	29,00	32,00	20,00	13,00	22,00	23,00

A Escala de Desempenho Académico PAPRE de (Antunes & Fontaine, 2002), foi utilizada como instrumento de avaliação para testar a segunda hipótese. Este instrumento é constituído por duas sub escalas: a percepção dos filhos em relação aos resultados escolares (dimensão resultados), e a percepção dos filhos em relação aos processos de aquisição das aprendizagens (dimensão processo).

Hipótese 2: Nos irmãos gémeos, o desempenho académico centra-se nos processos de aquisição das aprendizagens, e nos seus irmãos, o desempenho centra-se nos resultados.

Com a verificação da normalidade, através do teste de Kolmogorov-Smirnov, nas duas sub-escalas do desempenho académico (percepção dos filhos centrada nos resultados e a percepção dos filhos centrada no processo de aprendizagem), procedeu-se à utilização do teste T-Student com um $\alpha \leq 0.05$, fazendo a comparação das médias.

A tabela 9 sintetiza os valores da média para os dois grupos, gémeos e não gémeos encontrados após a utilização do teste T-Student, nas duas sub-escalas do Desempenho Académico.

Tabela 9: Caracterização das médias nos dois grupos (gémeos e não gémeos).

Desempenho Académico	Grupo	Amostra	Média
Sub_resultado	gémeo	31	40,0323
	não gémeo	9	44,4444
Sub_processo	gémeo	31	49,2258
	não gémeo	9	43,1111

A sub-escala do Desempenho Académico, “resultado”, apresenta o valor da média mais elevado para os não gémeos, enquanto que os gémeos, apresentam o valor da média mais elevado na sub-escala “processo”.

Aquando dos resultados obtidos, através da análise descritiva não paramétrica, verificou-se que a sub-escala “processo” apresentou-se com valores inferiores ao valor do α estabelecido, então, procedeu-se a realização do teste de Mann-Whitney, que faz a comparação das medianas (consultar output em anexo, pág. 61).

A tabela 10 sintetiza os valores da média e da mediana obtidos, quer pelos irmãos gémeos, quer pelos não gémeos, nas duas sub-escalas (“resultados” e “processo”) do desempenho académico.

Tabela 10: Caracterização dos dois grupos nas sub-escalas do Desempenho Académico.

Sub-escalas do Desempenho Académico	“Resultados”		“Processo”	
	Gémeos	Não Gémeos	Gémeos	Não Gémeos
Média	40,03	44,44	49,22	43,11
Mediana	39,00	43,00	49,00	43,00

Atendendo aos valores da média, conclui-se que, para os gémeos, o desempenho académico centra-se nos processos da aquisição das aprendizagens, enquanto que para os não gémeos, o desempenho centra-se nos resultados escolares. Deste modo confirma-se a hipótese colocada.

Nesta investigação, os pais de todos os filhos também foram avaliados por uma Entrevista Semi-Estruturada de (Pinto & Soares, 2000), com o intuito de conhecer a posição e a dinâmica familiar relativamente ao percurso escolar dos filhos.

O guião desta entrevista contém três temas, um referente à comunicação pais/filhos; outro alusivo à intervenção da família; e ainda, um terceiro, respeitante às expectativas dos pais relativamente ao futuro dos seus filhos. Estes três temas são abordados em três questões, tendo em conta a vida escolar e profissional dos filhos:

1. De que fala com ele(a). Porquê?
2. O que costumam fazer. Porquê?
3. O que gostaria que ele(a) concretizasse. Porquê?

Tabela 11: Percentagem dos temas mais comuns à primeira pergunta.

	Frequência	Percentagem (%)
Temas comuns - Escola	20	50,0
- Adolescência	9	22,5
- Família/Valores	11	27,5
Total	40	100,0

Tabela 12: Percentagem dos temas mais comuns à segunda pergunta.

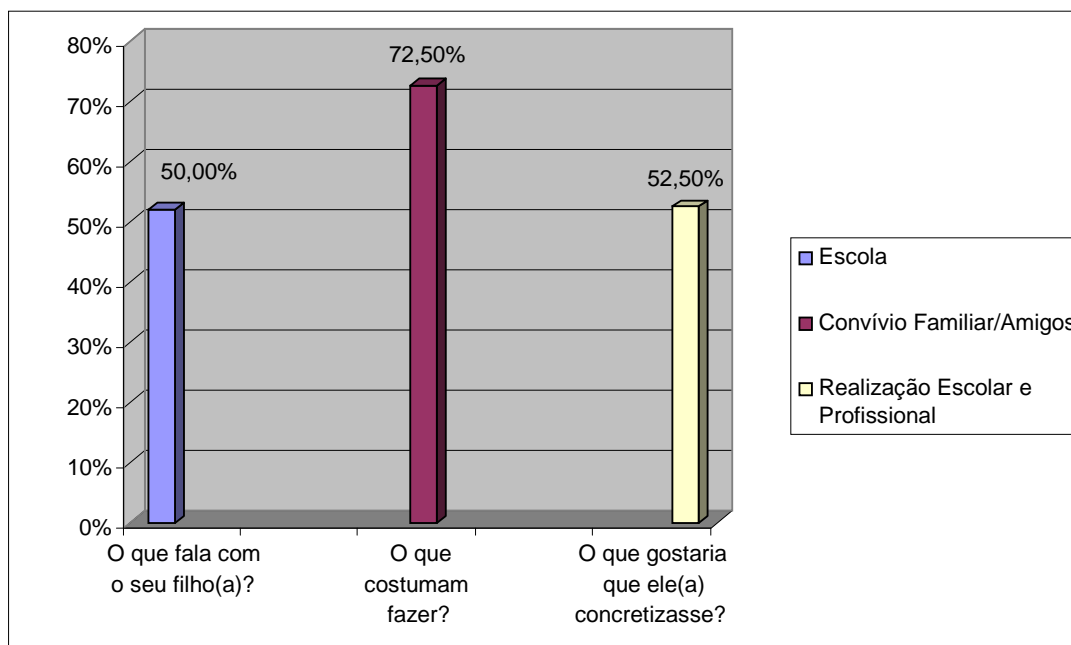
	Frequência	Percentagem (%)
Temas comuns - Convívio Familiar / Amigos	29	72,5
- Desporto	4	10,0
- Cultura	2	5,0
- Acompanhamento Escolar	5	12,5
Total	40	100,0

Tabela 13: Percentagem dos temas mais comuns à terceira pergunta.

	Frequência	Percentagem (%)
Temas comuns - Realização Escolar e Profissional	21	52,5
- Atingir Objectivos	18	45,0
- Felicidade e Bem-Estar	1	2,5
Total	40	100,0

O Gráfico resume a informação das tabelas 11, 12 e 13, apresentando o tema com maior percentagem em cada pergunta.

Para a primeira pergunta, metade dos pais elegeu o tema “escola” (50%) como o tema principal de conversa. Para a segunda pergunta, o tema mais referido foi o convívio familiar ou com os amigos (72,5%), por último, na terceira pergunta, obteve uma percentagem mais elevada, os assuntos que envolvem o percurso escolar e profissional (52,5%) dos seus filhos.

Gráfico 1

Legenda: Este gráfico indica-nos as percentagens dos temas mais referidos pelos pais (Escola, Convívio Familiar/Amigos e Realização Escolar e Profissional), relativamente às três questões colocadas na Entrevista Semi-Estruturada.

Discussão dos resultados

O objectivo desta investigação é o estudo das relações de vinculação e do desempenho académico nos gémeos e nos seus irmãos.

Nesta investigação procurou-se conhecer o padrão de relações de vinculação e o desempenho académico, nos gémeos adolescentes e nos seus irmãos.

Por conseguinte, a primeira hipótese colocada foi a seguinte, os irmãos gémeos e os não gémeos têm predominantemente relações de vinculação segura entre si.

A segunda hipótese supõe que, nos irmãos gémeos, o desempenho académico centra-se nos processos de aquisições das aprendizagens, e nos seus irmãos, o desempenho centra-se nos resultados.

Da análise dos resultados, as tabelas 1, 2 e 3, fazem referência aos dados obtidos pela **Classificação Social Internacional de Graffard**, relativamente aos filhos gémeos, verificando-se uma maioria na faixa etária dos 15 aos 17 anos, com predominância do sexo feminino sobre o sexo masculino, e uma maior frequência de alunos no 7º e 10º anos. Em relação aos filhos não gémeos, e sob a mesma Classificação sócio-demográfica, encontram-se nas tabelas 4, 5 e 6, os dados relativos à predominância na faixa etária dos 15 aos 17 anos, e nesta situação, com predominância do sexo masculino sobre o feminino, quanto à frequência escolar há uma maior incidência no 12º ano.

Contudo, a primeira hipótese colocada na investigação decorre das afirmações de vários autores que defendem que, as ligações da infância podem ser atenuadas e suplementadas por novas ligações na adolescência. Provavelmente, o facto dos irmãos gémeos partilharem a gemelaridade, poderá originar dependência um do outro, o que pode levar à construção de relações de base segura, também suplementadas pelos seus pais. Assim, espera-se que os gémeos adolescentes apresentem relações de vinculação seguras.

Na análise dos resultados, não se verificou a normalidade numa das variáveis em estudo, então utilizou-se uma estatística não paramétrica.

Para testar a primeira hipótese procedeu-se à utilização do Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência (IVIA) – Versão de Auto Avaliação de Carvalho, Soares & Baptista, (2006 – Anexo A), aplicado aos 31 gémeos e aos 9 não gémeos, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos.

A tabela 7, faz uma caracterização das médias nos dois grupos, gémeos e não gémeos, nas três sub-classes de Vinculação. Só na sub-escala ansiosa/ambivalente é que os

gémeos obtiveram um valor médio superior aos não gémeos, nas outras duas sub-escalas, segura e evitante, inverteu-se a situação, os não gémeos obtiveram valores superiores.

A tabela 8 faz uma síntese dos valores da média e da moda evidenciando diferenças no grupo dos gémeos na sub-escala ansiosa/ambivalente e na sub-escala evitante. Nos seus irmãos, as diferenças apresentam-se na sub-escala de vinculação segura e na sub-escala ansiosa/ambivalente. Mas atendendo apenas aos valores da média, entre os gémeos e os não gémeos há uma predominância do padrão de vinculação seguro. Não se confirma a primeira hipótese colocada.

Poder-se-á dizer que os gémeos ao apresentarem resultados que evidenciam relações de vinculação seguras, possam não estar só na origem relação de vínculo com a mãe, mas também nas ligações que os gémeos têm um com o outro. Quanto às relações de vinculação seguras apresentadas pelos seus irmãos não gémeos, poderão ser justificadas igualmente pelas boas relações de vínculo seguro, estabelecidas na infância, quer com a mãe, quer com os seus próprios irmãos gémeos.

Mas importa salientar que as relações de vínculo na infância, estabelecem-se com a mãe ou o prestador de cuidados, isto é, um apego que pressupõe a díade mãe-filho. A mãe ou o prestador de cuidados deve estar bem física e psicologicamente para que se o bebé construa modelos internos seguros.

Segundo (Allen & Land, 1999; citado in Soares, 1996^a), os adolescentes atravessam um período de transição entre as vinculações da infância, estabelecidas fundamentalmente no contexto da relação pais-filho(a), e as ligações afectivas adultas que vão para além das relações familiares. Daqui poder-se-á concluir, que uma vez que os jovens adolescentes se encontram num período de transformações significativas no sistema emocional, cognitivo e comportamental, os resultados expressos no inventário, poderão estar condicionados por esse mesmo período. Contudo, a investigação nesta área tem vindo a evidenciar que a autonomia na adolescência é mais facilmente estabelecida, não à custa das relações de vinculação com os pais, mas num contexto de relações seguras que tendem a permanecer para além da adolescência (Allen, Hauser, Bell, & Connor, 1994; Fraley & Davis, 1997).

A segunda hipótese pressupõe que nos irmãos gémeos, o desempenho académico centra-se nos processos das aquisições das aprendizagens, e nos seus irmãos, o desempenho centra-se nos resultados. Para testar esta segunda hipótese procedeu-se à utilização da Escala de Desempenho Académico, PAPRE – Percepção de Atribuições

Parentais de Antunes & Fontaine, (2002 – Anexo B), aplicado aos 31 gémeos e aos 9 não gémeos, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos.

Os resultados obtidos para a segunda hipótese não foram os esperados.

A tabela 9, apresenta os dados relativos às médias de cada grupo, gémeos e não gémeos, nas duas sub-escalas do Desempenho Académico, sendo que, a sub-escala “resultado”, apresenta o valor da média mais elevado para os não gémeos, enquanto que os gémeos, apresentam o valor da média mais elevado na sub-escala “processo”. No entanto, a tabela 10, compara os valores da média e da mediana, nos dois grupos. Atendendo aos valores da média, conclui-se que, para os gémeos, o desempenho académico centra-se nos processos da aquisição das aprendizagens, enquanto que para os não gémeos, o desempenho centra-se nos resultados escolares. Deste modo confirma-se a hipótese colocada.

Um motivo possível, que justifique um melhor desempenho escolar nos gémeos, ao nível das aprendizagens, poderá ser o facto de haver trabalho em conjunto ou até a partilha da mesma turma. Por outro lado, o tratamento parental, no acompanhamento escolar, para com os irmãos gémeos, poderá ser pouco potenciado, uma vez que estes irmãos poderão recorrer-se um ao outro nos estudos, e os pais possam dedicar mais tempo a outro filho. Já nos seus irmãos, o desempenho centra-se nos resultados, o que poderá demonstrar que não é tão relevante os modos de aquisição das matérias leccionadas, mas sim, os momentos de avaliação, cujos resultados finais parece ter mais importância. Talvez porque não existe o apoio mútuo, como acontece com os seus irmãos gémeos.

Uma questão importante e que deve ser salientada, é o facto do conceito de desempenho académico ser muito vasto, na medida em que, era importante conhecer-se alguns resultados no campo do auto-conceito, da auto-estima, e do sucesso ou insucesso escolar, para melhor compreendermos o desempenho académico no seu todo, nos gémeos e nos seus irmãos.

Os sujeitos adolescentes que participaram nesta investigação, encontram-se numa fase de desenvolvimento, onde acontecem diversas alterações, quer a nível físico, quer a nível psicológico, e portanto, as respostas obtidas, tanto no Inventário de Vinculação como na escala do Desempenho Escolar, a que foram submetidos, passam um pouco pela subjectividade, própria desta idade. Provavelmente, noutra estadia de desenvolvimento obteriam-se resultados diferentes.

Também foi pertinente para esta investigação, conhecer a posição dos pais relativamente ao percurso escolar dos seus filhos. De que forma acompanham, quando o

fazem, o que salientam como mais importante e prioritário, etc. Para tal, realizou-se junto de um dos pais de cada família, a Entrevista Semi-Estruturada de Pinto & Soares, (2000 – Anexo C). Os pais tinham idades compreendidas entre 43 e os 59 anos. Com este instrumento de avaliação pretendeu-se conhecer o papel dos pais junto dos filhos gémeos e dos outros filhos, e se diferiam os seus comportamentos para com uns e outros filhos.

Esta entrevista é constituída por três questões relativas ao percurso escolar e profissional dos seus filhos. A primeira questão, aborda os assuntos que os pais falam com os seus filhos, a segunda diz respeito ao que costumam fazer em conjunto, e por último, a terceira questão, é direccionada para as expectativas e projectos futuros que os pais fazem em relação aos filhos.

Os resultados encontrados não evidenciaram diferenças significativas no acompanhamento que os pais prestam aos gémeos e aos não gémeos.

As tabelas, 11, 12 e 13, apresentam as percentagens relativas aos temas mais comuns apresentados pelos pais para cada uma das três perguntas.

Assim, o tema “escola” surge na tabela 11, com uma percentagem de 50%, ou seja, metade dos pais questionados, referiram que o tema que falam mais com os seus filhos são assuntos relativos à escola. Na tabela 12, surge com 72,5% o convívio em família ou com os amigos, ou seja, os pais expressaram em grande maioria actividades que realizam em conjunto com os seus filhos. Na tabela 13, surge com a percentagem mais elevada, 52,5%, a realização escolar e profissional expressa pelos pais em relação aos seus filhos.

O gráfico 1 resume a informação apresentada nas três tabelas anteriores, ou seja, salienta os temas que mais se destacaram na três questões da entrevista aos pais.

A conclusão que se pode retirar a partir dos resultados expressos pela entrevista, é que para os pais que tenham filhos gémeos ou não, o assunto mais importante neste momento, é a escola, ou seja, todos os procedimentos que vão desde o acompanhar os trabalhos de casa, ao estudo em conjunto para as provas de avaliação, e até, passando pela concretização dos objectivos e planos futuros dos seus filhos. Poder-se-á dizer que, no que toca ao tratamento de qualquer dos filhos, os pais parecem manifestar algum cuidado até na individualidade dos gémeos, assim como para com os outros filhos, não proporcionando distinções nos assuntos relativos ao desempenho escolar e profissional. Poderá esta questão expressar algumas mudanças naquilo que é o tratamento dos gémeos como serem distintos, uma vez que nos tempos que decorrem ainda é frequente surgirem actos e situações de tratamento como um só ser. Embora, hoje em dia, os estudos apontam

para uma individualidade distinta, no tratamento com vista a trazer benefícios mútuos para ambos os seres.

Em suma, provavelmente, a utilização de mais instrumentos de avaliação teria sido benéfico para mais análises e conclusões.

Os resultados obtidos podem ter sido influenciados por variáveis que não puderam ser controladas, como as condições físicas da sala da Associação de Famílias Numerosas, onde se efectuou a recolha da amostra, bem como, as grandes deslocações que as famílias tiveram de fazer, o cansaço e o tempo dispendido.

Ao longo desta investigação, e especialmente após os resultados obtidos, foram surgindo algumas questões que podem ser pertinentes para futuros projectos de investigação, como o estudo dos gémeos com diferenciação quanto ao género nas suas relações de vinculação, assim como, o estudo dos gémos mas tendo em conta a diferenciação da zigotia, por forma a retirarem-se elações mais precisas acerca do tipo de vinculação. No campo do desempenho escolar, penso que também seria interessante estudar o ponto de vista dos pais relativamente ao desempenho escolar dos filhos, passando a escala correspondente aos pais, da que foi passada aos filhos.

Conclusão

Pode-se iniciar-se esta conclusão dizendo que os resultados encontrados nesta investigação revelaram dados pertinentes.

O objectivo desta investigação pôs duas hipóteses de estudo sobre as relações de vinculação e do desempenho académico nos gémeos e nos seus irmãos.

A primeira hipótese de estudo, os irmãos gémeos e os não gémeos têm predominantemente relações de vinculação segura entre si. A hipótese foi confirmada.

A partir dos resultados obtidos, concluo que, entre os gémeos e os não gémeos, as relações de vinculação segura apresentadas, são decorrentes das figuras de vinculação na infância, e que estes irmãos (gémeos e não gémeos), construíram os mesmos modelos operantes internos durante a infância.

A segunda hipótese de estudo, nos irmãos gémeos, o desempenho académico centrar-se-ia nos processos de aquisição das aprendizagens, enquanto que nos seus irmãos, o desempenho centrar-se-ia sobretudo nos resultados, foi confirmada.

Nos gémeos, os dados revelaram que o desempenho académico centra-se fortemente no curso da aquisição das aprendizagens, enquanto nos seus irmãos, o desempenho centra-se nos resultados finais.

Poder-se-á concluir que os resultados que os gémeos apresentaram, poderão estar na origem da proximidade de uma mesma turma e nos processos de entre-ajuda. Com os seus irmãos, o desempenho centrado nos resultados finais, poderá dever-se à ausência de proximidade com outro irmão, ou de pouca estimulação parental.

Concluiu-se que há diferenças significativas quanto ao desempenho académico, e nas atitudes percionadas pelos filhos, no que diz respeito ao acompanhamento dos pais nos seus estudos.

Por último, da entrevista realizada com os pais, os dados revelaram que não há um tratamento diferenciado para com os filhos gémeos, o interesse e o acompanhamento escolar, bem como os assuntos e as expectativas relativamente ao futuro profissional é igualmente estimulado com todos os filhos.

Esta investigação correspondeu às expectativas, e revelou no entanto, dados pertinentes e sugestões para projectos futuros.

Bibliografia

- Bowlby, J. (1982). *Formação e rompimento dos laços afectivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brown, L. (1978). Instituto de Saúde Pública de Odense. *Ser gémeo não afecta a inteligência*. Consultado no dia 30 de Agosto de 2008. From http://www.cbpf.br/~caruso/secti/publicacoes/clippings_mensal/setembro/29_09.html
- Bryan, E. (1999). *Gémeos, trigémeos e mais*. Coimbra: Quarteto.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Faria, L. R., & Fontaine, A. M. (1993). Atribuições para o sucesso escolar na adolescência. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 9, 66-77.
- Fernandes, M. O. (2005). *Ser único ou ser irmão*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.
- Fernandes, M. O. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi.
- Ferreira, T. (2002). Em defesa da criança: *Teoria e prática psicanalítica da infância*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Guedeney, N. & Gudeney, A. (2004). Vinculação. *Conceitos e Aplicações*. Lisboa: Climepsi.
- INE (2008). Instituto nacional de estatística. *35% de gémeos com a ajuda da ciência*. Consultado no dia 7 de Setembro de 2008. From <http://ultimahora.publico.clix.pt/noticia.aspx?id=1341900&idCanal=62>
- Mahler, M. (1979). The selected papers, Vol. 2. *Separation-Individuation*. Printed in the USA.

- Marrone, M. (2001). *La teoria del apego*. Psimática: Madrid.
- Matos, M. (2005). *Adolescência. Representação e psicanálise*. Climepsi: Lisboa.
- Paulino, M. C. (2001). *Danças com gémeos*. Coimbra: Quarteto.
- Pereira, F. (1991). Auto-conceito e resultados escolares na adolescência. *Análise Psicológica*, 9, 145-150.
- Piontelli, A. (1995). De feto a criança. *Um estudo observacional e psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago.
- Quintas, A. S. (1979). Separata do “Jornal do Médico”. *Adolescência: da identificação para a identidade*, pp. 476-480. Porto: Costa Carregal.
- Senos, J. (1996). Atribuição causal, auto-estima e resultados escolares. *Análise Psicológica*, 14, 111-121.
- Soares, I. (2007). Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação. *Vinculação na adolescência*. Braga: Psiquilivros.
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência*. Braga: Universidade do Minho.
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC.

Anexo A

Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência –
Versão de Auto Avaliação de
(Carvalho, Soares & Baptista, 2006)

Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência – Versão de
Auto Avaliação
(Marina Carvalho, Isabel Soares, & Américo Baptista, 2006)

Seguidamente vais encontrar um conjunto de afirmações que descrevem características que as pessoas podem apresentar. Lê cada uma delas e assinala com uma cruz o número que melhor te descreve, utilizando a seguinte escala: 1 2 3 4 5

1 - Nunca 2 - Algumas vezes 3 - Muitas vezes 4 - Quase sempre 5 - Sempre

1. Preocupo-me se tiver que depender de outras pessoas 1 2 3 4 5
2. É difícil confiar totalmente nas outras pessoas 1 2 3 4 5
3. Para mim, é mais importante conseguir coisas que manter relações com os outros 1 2 3 4 5
4. Preocupo-me com a possibilidade de ser abandonado/a 1 2 3 4 5
5. Acredito que as outras pessoas gostam de mim e respeitam-me 1 2 3 4 5
6. Para mim, é difícil depender dos outros 1 2 3 4 5
7. Gostava de ser mais próximo/a dos meus amigos 1 2 3 4 5
8. Gosto de me sentir próximo/a das outras pessoas 1 2 3 4 5
9. Preocupo-me com a possibilidade de ficar sozinho/a 1 2 3 4 5
10. É bom estar próximo/a de outras pessoas 1 2 3 4 5
11. Preocupo-me com a possibilidade de não ser aceite pelas outras pessoas 1 2 3 4 5
12. Fico ansioso/a quando alguém se aproxima demais de mim 1 2 3 4 5
13. Prefiro não mostrar os meus sentimentos 1 2 3 4 5
14. Sinto-me à vontade se tiver que pedir ajuda aos outros 1 2 3 4 5
15. As outras pessoas podem contar comigo quando me pedem ajuda 1 2 3 4 5
16. Sei que as outras pessoas estarão presentes quando eu necessitar delas 1 2 3 4 5
17. Sinto que posso contar com os outros quando necessitar 1 2 3 4 5
18. Preocupo-me que os meus amigos não queiram estar comigo 1 2 3 4 5
19. Para mim, é muito importante sentir-me independente 1 2 3 4 5
20. As outras pessoas afastam-se de mim porque eu tento estar demasiado próximo/a delas 1 2 3 4 5
21. Prefiro não depender das outras pessoas 1 2 3 4 5
22. Quando mostro os meus sentimentos pelos outros, tenho medo que não sintam o mesmo por mim 1 2 3 4 5
23. Sinto que os meus pais me compreendem 1 2 3 4 5
24. Prefiro que as outras pessoas não dependam de mim 1 2 3 4 5
25. Não sei se posso depender de outras pessoas para me ajudarem quando for necessário 1 2 3 4 5
26. Torno-me facilmente dependente das outras pessoas 1 2 3 4 5
27. Peço conselhos aos outros quando estou preocupado 1 2 3 4 5
28. Não gosto de contar às outras pessoas o que penso e sinto 1 2 3 4 5
29. Preocupo-me por poder não impressionar os outros 1 2 3 4 5

30. Acredito que as outras pessoas me rejeitam se eu me comportar mal1 2 3 4 5
31. Respeito os sentimentos das outras pessoas1 2 3 4 5
32. Posso contar com os meus amigos quando é necessário1 2 3 4 5
33. As outras pessoas aceitam-me tal como sou1 2 3 4 5
34. Não vale a pena expressar os meus sentimentos1 2 3 4 5
35. Confio nas minhas capacidades1 2 3 4 5
36. Expresso claramente o que pretendo1 2 3 4 5
37. Pergunto-me se os meus amigos gostam realmente de mim1 2 3 4 5

Anexo B

Escala de Desempenho Académico, PAPRE – Percepção
Atribuições Parentais (Filhos) de (Antunes & Fontaine, 2002)

Escala de Desempenho Acadêmico, PAPRE – Percepção Atribuições Parentais (Filhos)

Antunes, C. & Fontaine, A.M. (2002). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, UP

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Concordo mais do que discordo	Discordo mais do que concordo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
1. Os meus pais nunca ligaram muito aos meus progressos na escola, para eles está tudo bem desde que eu passe de ano ou tire boas notas;						
2. Os meus pais não fazem questão que eu seja o melhor da turma, dizem-me que eu tenho que fazer apenas o melhor que sou capaz;						
3. Os meus pais só ficam satisfeitos se as minhas notas forem melhores que as dos outros;						
4. Quando tiro uma nota menos boa, os meus pais ajudam-me a perceber onde e porque é que eu errei;						
5. Sinto que, para os meus pais, as minhas notas nunca são suficientemente boas;						
6. Os meus pais acham que se eu não passar de ano ou não entrar para a faculdade, não é o fim do mundo, posso sempre tentar outra vez;						
7. Acho que os meus pais não esperam muito de mim quanto ao sucesso escolar;						
8. Os meus pais compreendem que às vezes não sou capaz de fazer melhor em algumas disciplinas e não me “chateiam” por causa disso;						

9. Os meus pais já quiseram falar com os meus professores, quando acharam que as notas que me deram não foram justas;						
10. Os meus pais sempre se preocuparam em que eu seguisse/estudasse aquilo que mais gosto;						
11. Sinto que os meus pais ficam muito desiludidos comigo quando os meus resultados na escola não são o que eles esperavam;						
12. Os meus pais nunca me fizeram sentir menos inteligente do que os outros mesmo quando tirei notas mais baixas;						
13. Os meus pais sempre me disseram que só se eu conseguir tirar um curso é que poderei ser alguém na vida;						
14. Os meus pais dizem-me sempre que mais importante do que ter boas notas, é aprender sempre mais e melhor;						
15. Os meus pais já me chamaram ou já me fizeram sentir “burro(a)”;						
16. Os meus pais ficam contentes quando vêm que aprendo coisas novas e que tenho vontade de aprender;						
17. Os meus pais acham que os alunos mais inteligentes são aqueles que tiram as melhores notas;						
18. Os meus pais compreendem que nem sempre as notas que se tiram demonstram aquilo que uma pessoa sabe;						
19. Acho que os meus pais dão demasiado valor às notas escolares;						
20. Os meus pais já me disseram que às vezes é						

tão importante aprender com os erros que a gente faz nos testes como tirar sempre boas notas;						
21. Às vezes parece que para os meus pais só tenho valor pelas notas que tiro;						
22. Quer eu tire boas notas quer tire más notas, sinto que os meus pais confiam em que eu vou ser alguém na vida;						
23. Quando chego a casa com boas notas, os meus pais contam a toda a gente.						

Anexo C

Entrevista Semi – Estruturada

(Pinto & Soares, 2000)

Entrevista Semi-Estruturada de (Pinto & Soares, 2000)

O guião de entrevista contém três temas: um referente à comunicação pais/filhos; outro alusivo à intervenção da família; e, ainda, um terceiro, respeitante às expectativas dos pais relativamente ao futuro dos seus filhos.

Tendo em conta a vida escolar e profissional do seu filho:

- 1. De que fala com ele(a). Porquê?**
- 2. O que costumam fazer. Porquê?**
- 3. O que gostaria que ele(a) concretizasse. Porquê?**

Anexo D

Outputs referentes aos dados Sócio-Demográficos

Statistics

	Socio_econ1	Socio_econ2	Socio_econ3	Socio_econ4	Socio_econ5	Socio_econ6	Socio_econ7	Socio_econ8	Socio_econ9	Socio_econ10
N Valid	40	40	40	40	40	40	40	40	40	40
Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mode	2	2	1	4	2	2	4	2	1 ^a	5

a. Multiple modes exist. The smallest value is shown

FREQUENCIES

```
VARIABLES=Socio_econ1 Socio_econ2 Socio_econ3 Socio_econ4 Socio_econ5
Socio_econ6 Socio_econ7 Socio_econ8 Socio_econ9 Socio_econ10
/STATISTICS=MODE
/ORDER= ANALYSIS .
```

Socio_econ1

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Faixa etaria 40-50 anos	17	42,5	42,5	42,5
	Faixa etaria 50-60 anos	23	57,5	57,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Socio_econ2

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Casado	33	82,5	82,5	82,5
	Divorciado	7	17,5	17,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Socio_econ3

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	"Engenheiros e Economistas"	21	52,5	52,5	52,5
	Técnicos, Comerciantes e Administrativos	6	15,0	15,0	67,5
	Operários	13	32,5	32,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Socio_econ4

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Escolaridade Primária	5	12,5	12,5	12,5
	Escolaridade Secundária	16	40,0	40,0	52,5
	Ensino Superior	19	47,5	47,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Socio_econ5

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Salário Mensal	37	92,5	92,5	92,5
	Pensão/Reforma	3	7,5	7,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Socio_econ6

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Casa ou andar luxuosos	12	30,0	30,0	30,0
	Casa ou andar com áreas razoáveis	17	42,5	42,5	72,5
	Casa ou andar modesto	5	12,5	12,5	85,0
	Casa ou andar com áreas pequenas	6	15,0	15,0	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Socio_econ7

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Herdade/Quinta	2	5,0	5,0	5,0
	Moradia	9	22,5	22,5	27,5
	Condomínio Fechado	10	25,0	25,0	52,5
	Bairro Residencial Bom	16	40,0	40,0	92,5
	Bairro Social	3	7,5	7,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Socio_econ8

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Faixa etária 12 - 14 anos	17	42,5	42,5	42,5
	Faixa etária 15 - 17 anos	23	57,5	57,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Socio_econ9

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Feminino	20	50,0	50,0	50,0
	Masculino	20	50,0	50,0	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Socio_econ10

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	6º ano	2	5,0	5,0	5,0
	7º ano	11	27,5	27,5	32,5
	8º ano	7	17,5	17,5	50,0
	9º ano	2	5,0	5,0	55,0
	10º ano	12	30,0	30,0	85,0
	11º ano	1	2,5	2,5	87,5
	12º ano	5	12,5	12,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Grupo1: Gémeos (N= 31)

Statistics

		D8	D9	D10
N	Valid	31	31	31
	Missing	0	0	0
Mode		2	1	2(a)

a Multiple modes exist. The smallest value is shown

Frequency Table

D8

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Faixa etária 12 - 14 anos	15	48,4	48,4	48,4
	Faixa etária 15 - 17 anos	16	51,6	51,6	100,0
Total		31	100,0	100,0	

D9

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Feminino	17	54,8	54,8	54,8
	Masculino	14	45,2	45,2	100,0
Total		31	100,0	100,0	

D10

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	6º ano	2	6,5	6,5	6,5
	7º ano	10	32,3	32,3	38,7
	8º ano	6	19,4	19,4	58,1
	9º ano	1	3,2	3,2	61,3
	10º ano	10	32,3	32,3	93,5
	12º ano	2	6,5	6,5	100,0
	Total	31	100,0	100,0	

Grupo2 : Não Gémeos (N= 9)

Statistics

		D8	D9	D10
N	Valid	9	9	9
	Missing	0	0	0
Mode		2	2	7

Frequency Table

D8

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Faixa etária 12 - 14 anos	2	22,2	22,2	22,2
	Faixa etária 15 - 17 anos	7	77,8	77,8	100,0
	Total	9	100,0	100,0	

D9

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Feminino	3	33,3	33,3	33,3
	Masculino	6	66,7	66,7	100,0
	Total	9	100,0	100,0	

D10

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	7º ano	1	11,1	11,1	11,1
	8º ano	1	11,1	11,1	22,2
	9º ano	1	11,1	11,1	33,3
	10º ano	2	22,2	22,2	55,6
	11º ano	1	11,1	11,1	66,7
	12º ano	3	33,3	33,3	100,0
	Total	9	100,0	100,0	

Anexo E

Output referente aos resultados do
Inventário sobre a Vinculação para a Infância e
Adolescência – Versão de Auto Avaliação
(Marina Carvalho, Isabel Soares, & Américo Baptista,
2006)

```

COMPUTE Sub_vinculaçãosegura =
QIP8+QIP10+QIP15+QIP16+QIP17+QIP31+QIP32+QIP33 .
EXECUTE .
COMPUTE Sub_vinculaçãoansiosa = QIP4+QIP9+QIP18+QIP22+QIP29+QIP30+QIP37
.
EXECUTE .
COMPUTE Sub_vinculaçãoevitante =
QIP1+QIP2+QIP3+QIP13+QIP19+QIP21+QIP24+QIP28 .
EXECUTE .
EXAMINE
  VARIABLES=Sub_vinculaçãosegura Sub_vinculaçãoansiosa
Sub_vinculaçãoevitante
  /PLOT NPLOT
  /STATISTICS DESCRIPTIVES
  /CINTERVAL 95
  /MISSING LISTWISE
  /NOTOTAL.

```

Explore

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Sub_vinculaçãosegura	40	100,0%	0	,0%	40	100,0%
Sub_vinculaçãoansiosa	40	100,0%	0	,0%	40	100,0%
Sub_vinculaçãoevitante	40	100,0%	0	,0%	40	100,0%

Descriptives

			Statistic	Std. Error
Sub_vinculaçãosegura	Mean		30,1000	,67444
	95% Confidence Interval for Mean	Lower Bound	28,7358	
		Upper Bound	31,4642	
	5% Trimmed Mean		30,1944	
	Median		30,0000	
	Variance		18,195	
	Std. Deviation		4,26554	
	Minimum		20,00	
	Maximum		38,00	
	Range		18,00	
	Interquartile Range		5,75	
	Skewness		-,265	,374
	Kurtosis		-,322	,733
	Sub_vinculaçãansiosa	Mean		18,1750
95% Confidence Interval for Mean		Lower Bound	16,5412	
		Upper Bound	19,8088	
5% Trimmed Mean			18,0833	
Median			18,0000	
Variance			26,097	
Std. Deviation			5,10850	
Minimum			9,00	
Maximum			31,00	
Range			22,00	
Interquartile Range			8,50	
Skewness			,108	,374
Kurtosis			-,323	,733
Sub_vinculaçãoevitante		Mean		22,2500
	95% Confidence Interval for Mean	Lower Bound	20,8424	
		Upper Bound	23,6576	
	5% Trimmed Mean		22,3333	
	Median		22,0000	
	Variance		19,372	
	Std. Deviation		4,40134	
	Minimum		12,00	
	Maximum		31,00	
	Range		19,00	
	Interquartile Range		5,00	
	Skewness		-,332	,374
	Kurtosis		,292	,733

Tests of Normality

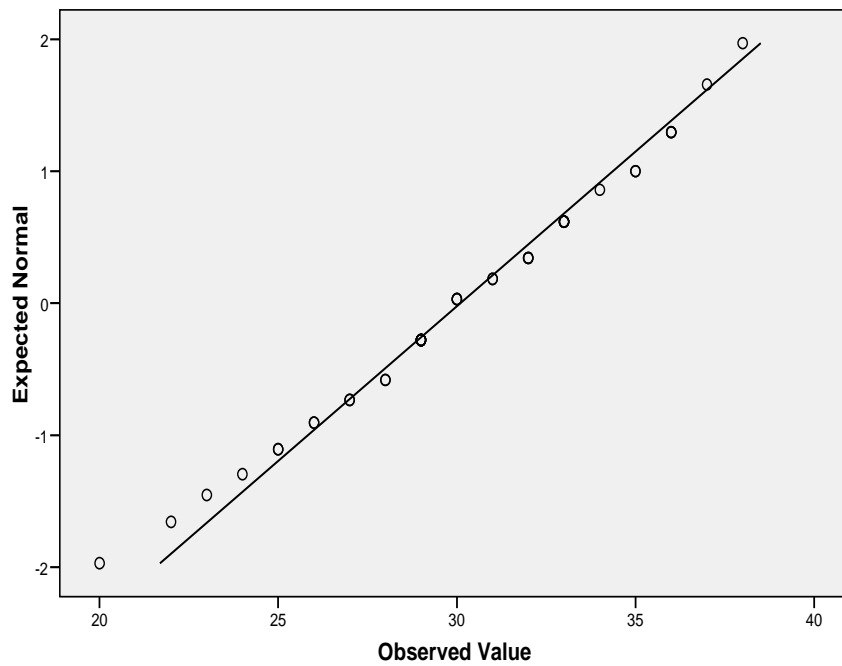
	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Sub_vinculaçãosegura	,098	40	,200(*)	,981	40	,742
Sub_vinculaçãoansiosa	,136	40	,059	,972	40	,422
Sub_vinculaçãoevitante	,113	40	,200(*)	,960	40	,170

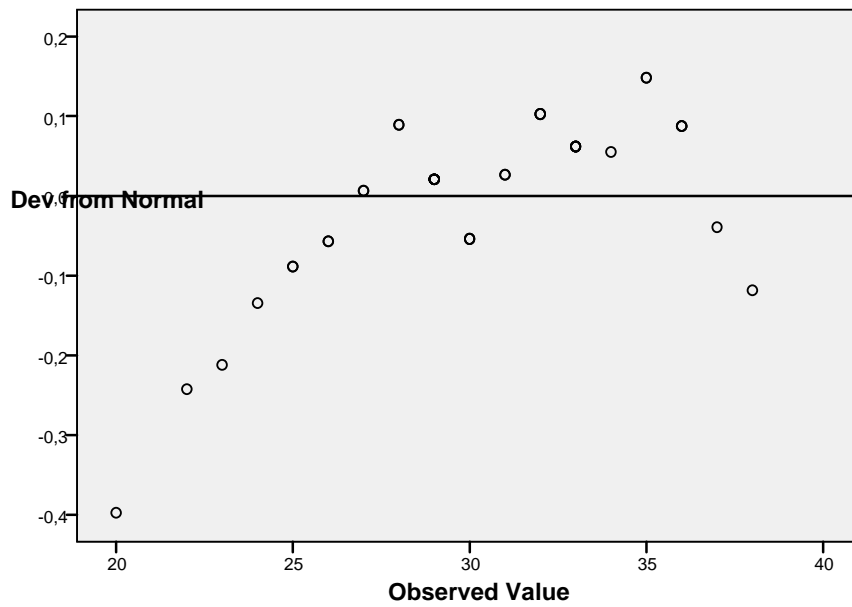
* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

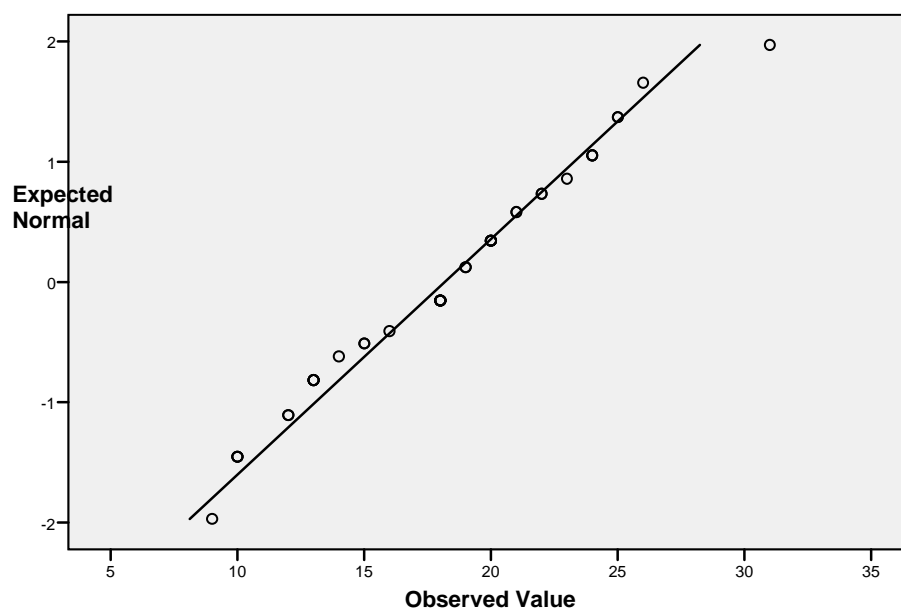
Sub_vinculaçãosegura

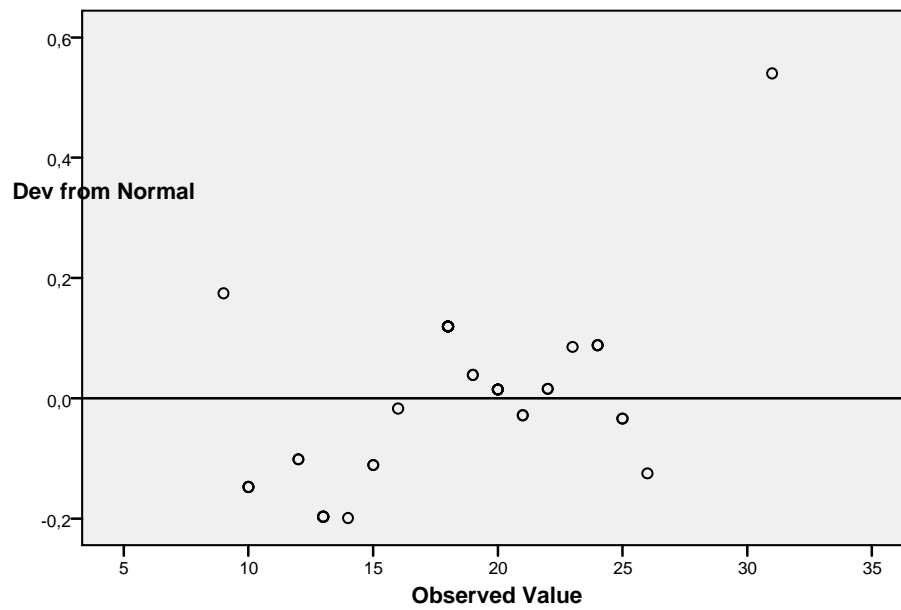
Normal Q-Q Plot of Sub_vinculaçãosegura



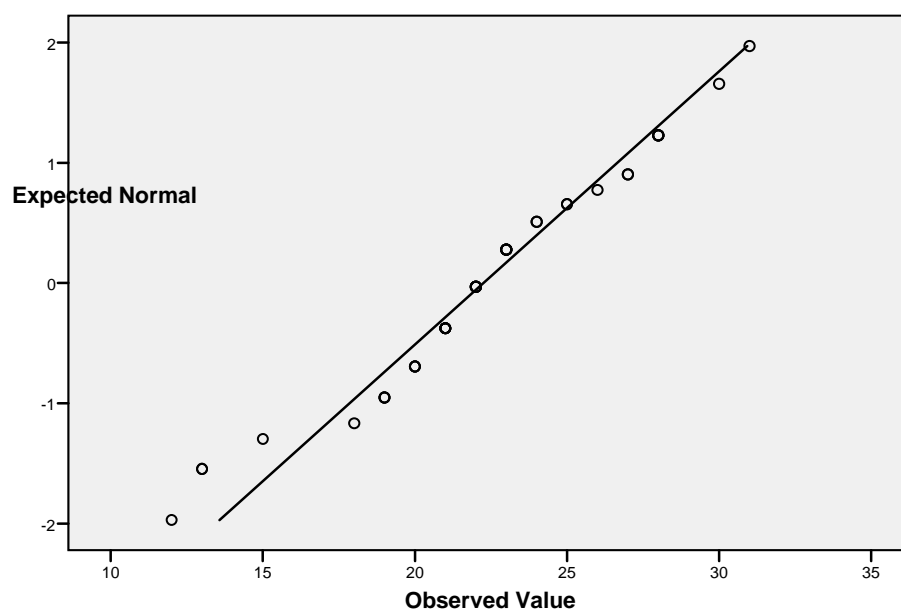
Detrended Normal Q-Q Plot of Sub_vinculaçãosegura

Sub_vinculaçãansiosa

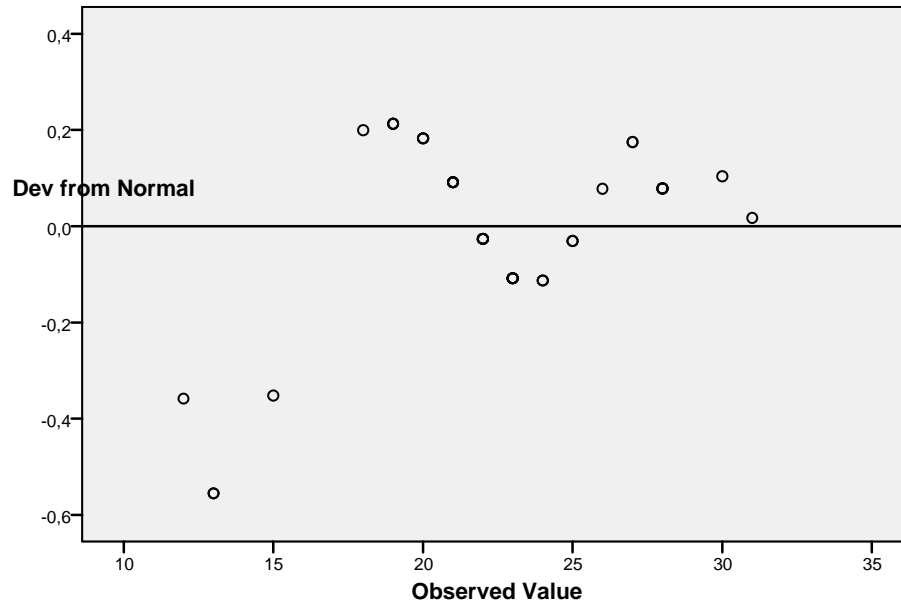
Normal Q-Q Plot of Sub_vinculaçãansiosa

Detrended Normal Q-Q Plot of Sub_vinculaçãansiosa

Sub_vinculaçãoevitante

Normal Q-Q Plot of Sub_vinculaçãoevitante

Detrended Normal Q-Q Plot of Sub_vinculaçãoevitante



T-TEST

```

GROUPS = Grupo(1 2)
/MISSING = ANALYSIS
/VARIABLES = Sub_vinculaçãosegura Sub_vinculaçãoansiosa
Sub_vinculaçãoevitante
/CRITERIA = CI(.95) .

```

T-Test

Group Statistics

	Grupo	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Sub_vinculaçãosegura	gémeo	31	29,8710	3,81874	,68587
	não gémeo	9	30,8889	5,75423	1,91808
Sub_vinculaçãoansiosa	gémeo	31	19,1290	5,01825	,90130
	não gémeo	9	14,8889	4,13656	1,37885
Sub_vinculaçãoevitante	gémeo	31	21,7742	4,54393	,81611
	não gémeo	9	23,8889	3,62093	1,20698

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Sub_vinculaçãosegura	Equal variances assumed	1,939	,172	-,625	38	,536	-1,01792	1,62787	-4,31337	2,27753
	Equal variances not assumed			-,500	10,132	,628	-1,01792	2,03701	-5,54864	3,51280
Sub_vinculaçãoonsios:	Equal variances assumed	,155	,696	2,311	38	,026	4,24014	1,83489	,52561	7,95468
	Equal variances not assumed			2,574	15,540	,021	4,24014	1,64730	,73962	7,74067
Sub_vinculaçãoevitant	Equal variances assumed	,372	,546	-1,279	38	,209	-2,11470	1,65309	-5,46121	1,23182
	Equal variances not assumed			-1,451	16,091	,166	-2,11470	1,45699	-5,20197	,97258

USE ALL.

COMPUTE filter_\$=(Grupo=1).

VARIABLE LABEL filter_\$ 'Grupo=1 (FILTER)'.
 VALUE LABELS filter_\$ 0 'Not Selected' 1 'Selected'.
 FORMAT filter_\$ (f1.0).
 FILTER BY filter_\$.
 EXECUTE .
 FREQUENCIES
 VARIABLES=Sub_vinculaçãosegura Sub_vinculaçãoevitante
 Sub_vinculaçãoonsiosa
 /NTILES= 4
 /STATISTICS=STDDEV MINIMUM MAXIMUM MEAN MEDIAN MODE
 /ORDER= ANALYSIS .

Frequencies Grupo 1

Statistics

		Sub_vincul açãosegur a	Sub_vincul açãoevitan te	Sub_vincul açãoonsio sa
N	Valid	31	31	31
	Missing	0	0	0
Mean		29,8710	21,7742	19,1290
Median		29,0000	22,0000	20,0000
Mode		29,00	21,00(a)	18,00
Std. Deviation		3,81874	4,54393	5,01825
Minimum		22,00	12,00	10,00
Maximum		38,00	30,00	31,00
Percentiles	25	27,0000	19,0000	15,0000
	50	29,0000	22,0000	20,0000
	75	33,0000	25,0000	23,0000

a Multiple modes exist. The smallest value is shown

Frequency Table

Sub_vinculaçãosegura

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	22,00	1	3,2	3,2	3,2
	23,00	1	3,2	3,2	6,5
	25,00	2	6,5	6,5	12,9
	26,00	2	6,5	6,5	19,4
	27,00	2	6,5	6,5	25,8
	28,00	2	6,5	6,5	32,3
	29,00	6	19,4	19,4	51,6
	30,00	3	9,7	9,7	61,3
	31,00	1	3,2	3,2	64,5
	32,00	2	6,5	6,5	71,0
	33,00	4	12,9	12,9	83,9
	34,00	1	3,2	3,2	87,1
	35,00	2	6,5	6,5	93,5
	36,00	1	3,2	3,2	96,8
	38,00	1	3,2	3,2	100,0
	Total	31	100,0	100,0	

Sub_vinculaçãoevitante

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	12,00	1	3,2	3,2	3,2
	13,00	2	6,5	6,5	9,7
	15,00	1	3,2	3,2	12,9
	18,00	1	3,2	3,2	16,1
	19,00	3	9,7	9,7	25,8
	20,00	2	6,5	6,5	32,3
	21,00	4	12,9	12,9	45,2
	22,00	4	12,9	12,9	58,1
	23,00	4	12,9	12,9	71,0
	24,00	1	3,2	3,2	74,2
	25,00	1	3,2	3,2	77,4
	26,00	1	3,2	3,2	80,6
	27,00	2	6,5	6,5	87,1
	28,00	3	9,7	9,7	96,8
	30,00	1	3,2	3,2	100,0
	Total	31	100,0	100,0	

Sub_vinculaçãoansiosa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	10,00	3	9,7	9,7	9,7
	13,00	2	6,5	6,5	16,1
	14,00	1	3,2	3,2	19,4
	15,00	2	6,5	6,5	25,8
	18,00	6	19,4	19,4	45,2
	19,00	1	3,2	3,2	48,4
	20,00	5	16,1	16,1	64,5
	21,00	2	6,5	6,5	71,0
	22,00	1	3,2	3,2	74,2
	23,00	1	3,2	3,2	77,4
	24,00	3	9,7	9,7	87,1
	25,00	2	6,5	6,5	93,5
	26,00	1	3,2	3,2	96,8
	31,00	1	3,2	3,2	100,0
	Total	31	100,0	100,0	

```

USE ALL.
COMPUTE filter_$=(Grupo=2).
VARIABLE LABEL filter_$ 'Grupo=2 (FILTER)'.
VALUE LABELS filter_$ 0 'Not Selected' 1 'Selected'.
FORMAT filter_$ (f1.0).
FILTER BY filter_$.
EXECUTE .
FREQUENCIES
  VARIABLES=Sub_vinculaçãosegura Sub_vinculaçãoevitante
  Sub_vinculaçãoansiosa /FORMAT=NOTABLE
  /NTILES= 4
  /STATISTICS=STDDEV MINIMUM MAXIMUM MEAN MEDIAN MODE
  /ORDER= ANALYSIS .

```

Frequencies

Statistics

		Sub_vincul açãosegur a	Sub_vincul açãoevitan te	Sub_vincul açãoansio sa
N	Valid	9	9	9
	Missing	0	0	0
Mean		30,8889	23,8889	14,8889
Median		32,0000	23,0000	13,0000
Mode		36,00	21,00	12,00(a)
Std. Deviation		5,75423	3,62093	4,13656
Minimum		20,00	20,00	9,00
Maximum		37,00	31,00	22,00
Percentiles	25	26,5000	21,0000	12,0000
	50	32,0000	23,0000	13,0000
	75	36,0000	26,5000	18,5000

a Multiple modes exist. The smallest value is shown

Anexo F

Output referente aos resultados da Escala de Desempenho Académico, PAPRE – Percepção de Atribuições Parentais de (Antunes & Fontaine, 2002)

```

EXAMINE
  VARIABLES=Sub_resultado Sub_processo
  /PLOT NPLOT
  /STATISTICS DESCRIPTIVES
  /CINTERVAL 95
  /MISSING LISTWISE
  /NOTOTAL.

```

Explore

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Sub_resultado	40	100,0%	0	,0%	40	100,0%
Sub_processo	40	100,0%	0	,0%	40	100,0%

Descriptives

			Statistic	Std. Error
Sub_resultado	Mean		41,0250	1,27374
	95% Confidence Interval for Mean	Lower Bound	38,4486	
		Upper Bound	43,6014	
	5% Trimmed Mean		41,0278	
	Median		40,5000	
	Variance		64,897	
	Std. Deviation		8,05585	
	Minimum		26,00	
	Maximum		56,00	
	Range		30,00	
	Interquartile Range		11,75	
	Skewness		,075	,374
	Kurtosis		-,908	,733
	Sub_processo	Mean		47,8500
95% Confidence Interval for Mean		Lower Bound	45,3913	
		Upper Bound	50,3087	
5% Trimmed Mean			47,6389	
Median			46,5000	
Variance			59,105	
Std. Deviation			7,68799	
Minimum			35,00	
Maximum			64,00	
Range			29,00	
Interquartile Range			12,50	
Skewness			,549	,374
Kurtosis			-,659	,733

Tests of Normality

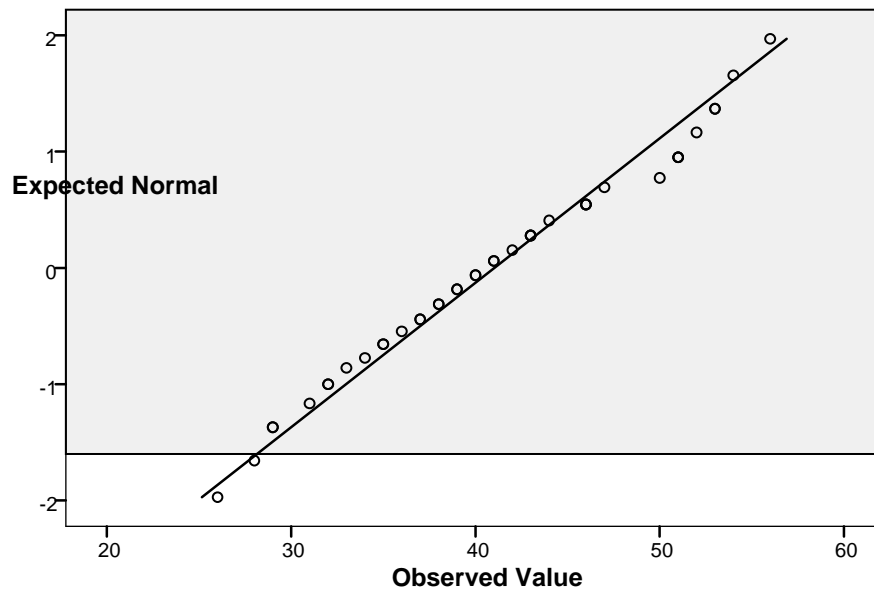
	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Sub_resultado	,092	40	,200(*)	,971	40	,398
Sub_proceso	,127	40	,105	,943	40	,045

* This is a lower bound of the true significance.

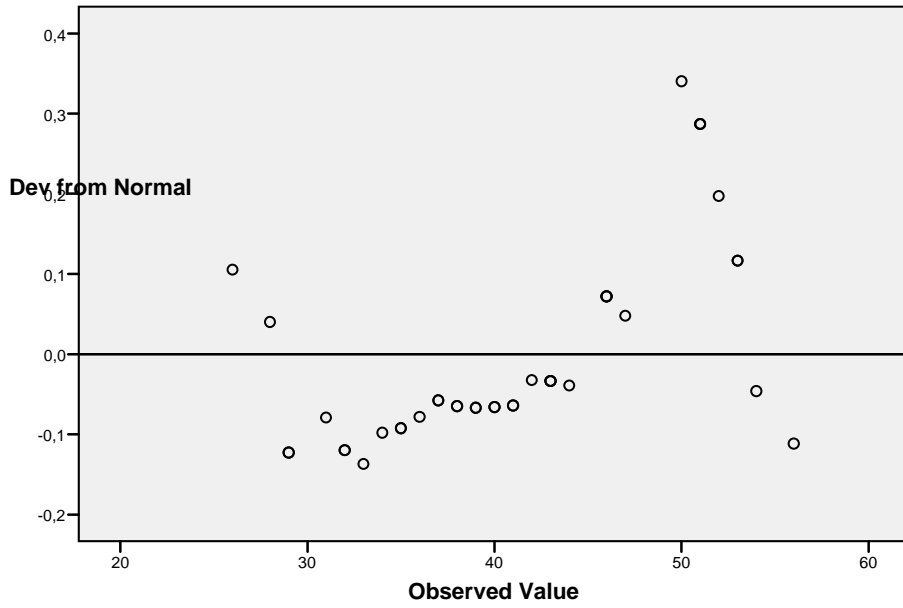
a Lilliefors Significance Correction

Sub_resultado

Normal Q-Q Plot of Sub_resultado

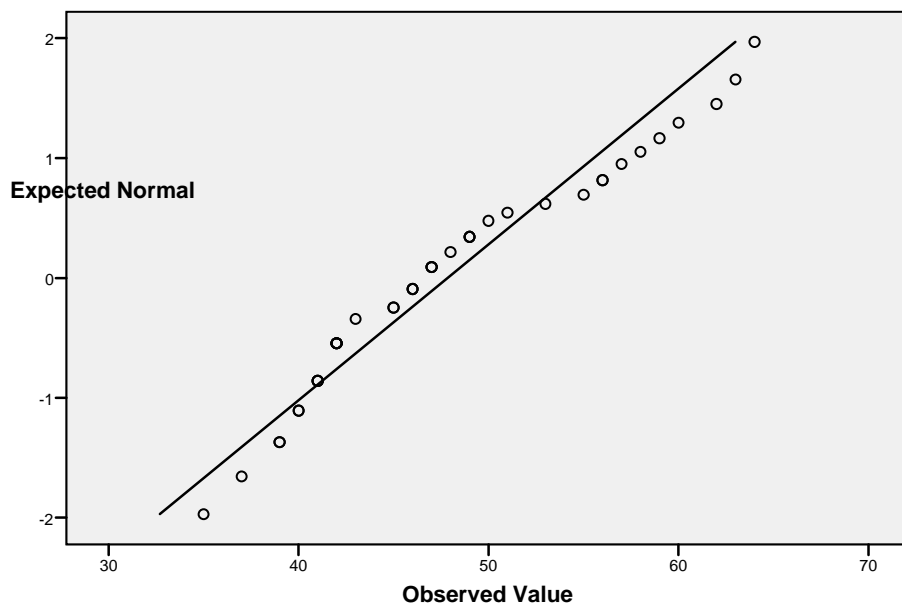


Detrended Normal Q-Q Plot of Sub_resultado

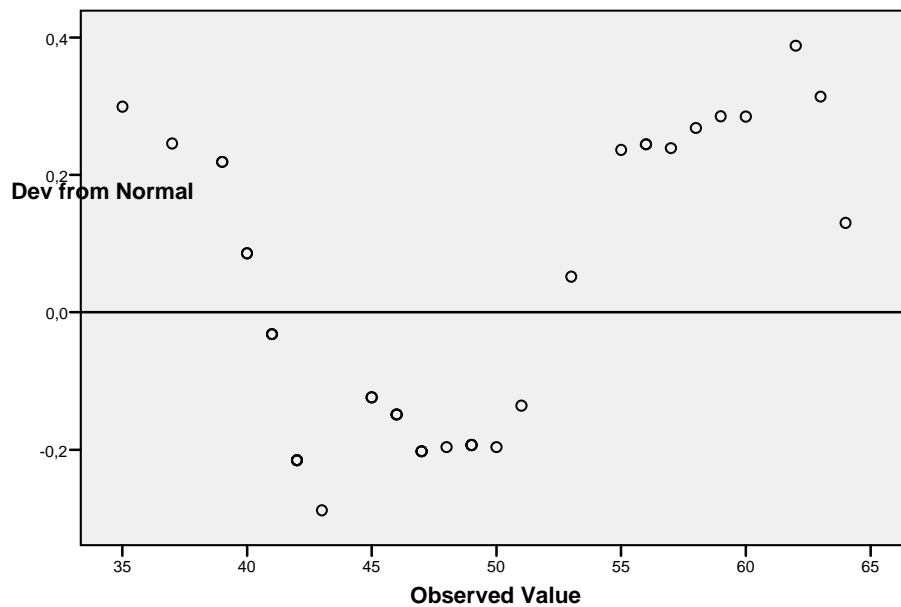


Sub_proceso

Normal Q-Q Plot of Sub_proceso



Detrended Normal Q-Q Plot of Sub_processo



T-TEST

```
GROUPS = Grupo(1 2)
/MISSING = ANALYSIS
/VARIABLES = Sub_resultado Sub_processo
/CRITERIA = CI(.95) .
```

T-Test

Group Statistics

	Grupo	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Sub_resultado	gémeo	31	40,0323	8,51463	1,52927
	não gémeo	9	44,4444	5,24669	1,74890
Sub_processo	gémeo	31	49,2258	8,06519	1,44855
	não gémeo	9	43,1111	3,40751	1,13584

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Sub_resultado	Equal variances assumed	3,045	,089	-1,468	38	,150	-4,41219	3,00612	-10,49775	1,67338
	Equal variances not assumed			-1,899	21,551	,071	-4,41219	2,32321	-9,23606	,41169
Sub_processo	Equal variances assumed	7,073	,011	2,202	38	,034	6,11470	2,77721	,49252	11,73687
	Equal variances not assumed			3,322	32,359	,002	6,11470	1,84077	2,36681	9,86258

NPAR TESTS

```

/M-W= Sub_processo BY Grupo(1 2)
/MISSING ANALYSIS.

```

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	Grupo	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Sub_processo	gémeo	31	22,56	699,50
	não gémeo	9	13,39	120,50
	Total	40		

Test Statistics(b)

	Sub_proce SSO
Mann-Whitney U	75,500
Wilcoxon W	120,500
Z	-2,077
Asymp. Sig. (2-tailed)	,038
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,037(a)

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: Grupo

USE ALL.

COMPUTE filter_\$=(Grupo=2).

VARIABLE LABEL filter_\$ 'Grupo=2 (FILTER)'.

VALUE LABELS filter_\$ 0 'Not Selected' 1 'Selected'.

FORMAT filter_\$ (f1.0).

FILTER BY filter_\$.

EXECUTE .

FREQUENCIES

VARIABLES=Sub_processo Sub_resultado /FORMAT=NOTABLE

/NTILES= 4

/STATISTICS=STDDEV MINIMUM MAXIMUM MEAN MEDIAN MODE

/ORDER= ANALYSIS

Frequencies Grupo 2

Statistics

		Sub_proce sso	Sub_result ado
N	Valid	9	9
	Missing	0	0
Mean		43,1111	44,4444
Median		43,0000	43,0000
Mode		41,00	37,00(a)
Std. Deviation		3,40751	5,24669
Minimum		37,00	37,00
Maximum		47,00	53,00
Percentiles	25	41,0000	40,5000
	50	43,0000	43,0000
	75	46,5000	49,0000

a Multiple modes exist. The smallest value is shown

```
USE ALL.
COMPUTE filter_$=(Grupo=1).
VARIABLE LABEL filter_$ 'Grupo=1 (FILTER)'.
VALUE LABELS filter_$ 0 'Not Selected' 1 'Selected'.
FORMAT filter_$ (f1.0).
FILTER BY filter_$.
EXECUTE .
FREQUENCIES
  VARIABLES=Sub_proceso Sub_resultado /FORMAT=NOTABLE
  /NTILES= 4
  /STATISTICS=STDDEV MINIMUM MAXIMUM MEAN MEDIAN MODE
  /ORDER= ANALYSIS .
```

Frequencies

Statistics

		Sub_proceso	Sub_resultado
N	Valid	31	31
	Missing	0	0
Mean		49,2258	40,0323
Median		49,0000	39,0000
Mode		42,00	29,00(a)
Std. Deviation		8,06519	8,51463
Minimum		35,00	26,00
Maximum		64,00	56,00
Percentiles	25	42,0000	33,0000
	50	49,0000	39,0000
	75	56,0000	46,0000

a Multiple modes exist. The smallest value is shown

Anexo G

Output referente aos dados da Entrevista Semi – Estruturada

(Pinto & Soares, 2000)

```

GET
  FILE='C:\Users\Mary Moon\Desktop\Base_de_Dados.sav'.
DATASET NAME DataSet1 WINDOW=FRONT.
FREQUENCIES
  VARIABLES=QIIP1 QIIP2 QIIP3
  /STATISTICS=MODE
  /ORDER= ANALYSIS .

```

Frequencies

Statistics

		QIIP1	QIIP2	QIIP3
N	Valid	40	40	40
	Missing	0	0	0
Mode		1	1	1

Frequency Table

QIIP1

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Escola	20	50,0	50,0	50,0
	Adolescência	9	22,5	22,5	72,5
	Família/Valores	11	27,5	27,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

QIIP2

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Convívio Familiar/Amigos	29	72,5	72,5	72,5
	Desporto	4	10,0	10,0	82,5
	Cultura	2	5,0	5,0	87,5
	Acompanhamento Escolar	5	12,5	12,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

QIIP3

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Realização Escolar e Profissional	21	52,5	52,5	52,5
	Atingir Objectivos	18	45,0	45,0	97,5
	Felicidade e Bem-Estar	1	2,5	2,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

